



Departamento de Sociologia

A ameaça do Daesh ao Mundial de Futebol 2018:
uma análise de imagem e discurso

João Miguel Fernandes

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação

Orientadora:

Doutora Rita Maria Espanha Pires Chaves Torrado da Silva, Professora Auxiliar

ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Maio, 2018



Departamento de Sociologia

A ameaça do Daesh ao Mundial de Futebol 2018:
uma análise de imagem e discurso

João Miguel Fernandes

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação

Orientadora:

Doutora Rita Maria Espanha Pires Chaves Torrado da Silva, Professora Auxiliar

ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Maio, 2018

Agradecimentos

À minha orientadora, Professora Rita Espanha, um sincero e especial agradecimento pelo acompanhamento e pela disponibilidade sempre demonstrada no esclarecimento de múltiplas questões. O seu contributo e os conselhos transmitidos foram cruciais no decorrer deste trabalho.

À minha família, mãe e irmão, essenciais na realização e conclusão desta etapa académica. Agradeço-lhes a paciência e confiança depositada em mim. Ao meu pai que será sempre uma fonte de inspiração.

Aos meus amigos, Francisco Mesquita, Pedro Santos, Diogo Silva, Hugo Rosa, Gonçalo Matos, Tiago Marques, David Pereira e Sara Lopes que me acompanharam ao longo desta jornada, questionando-me no desenrolar do trabalho e incentivando-me sempre a prosseguir, através de palavras amigas. Ao Wallace Graciano, camarada de mestrado, e restantes colegas, bem como todo o corpo docente.

Resumo

As tecnologias de informação entraram de rompante na sociedade, alterando e modificando todo o panorama atual da comunicação. As ferramentas digitais que hoje temos ao nosso alcance permitem-nos realizar múltiplas tarefas em tempo real. Conscientes disso, as organizações terroristas decidiram explorá-las desenvolvendo assim uma gigantesca máquina de propaganda. A presente dissertação centra as atenções no grupo terrorista Daesh e nas estratégias de comunicação por si orquestradas. Através da análise de um total de oito imagens divulgadas pela organização terrorista acima referida, tendo como alvo o Mundial de Futebol de 2018, que terá lugar na Rússia, pretendemos identificar e entender quais os efeitos e as consequências resultantes desta ameaça e o impacto que esta terá no panorama internacional.

Palavras-chave: islão, islamismo, jihadismo, Daesh, terrorismo, pânico moral, medo, imagem, análise de imagem, análise de discurso.

Abstract

Information technologies burst into society, changing and modifying the whole picture of communication today. The digital tools we have within our reach allow us to perform multiple tasks in real time, aware of this, the terrorist organizations decided to exploit them by developing a giant propaganda machine. The present dissertation focuses on the Daesh terrorist group and the communication strategies orchestrated by them. By analyzing a total of eight images released by the aforementioned terrorist organization, targeting the 2018 FIFA World Cup in Russia, we intend to identify and understand the effects and consequences of this threat and the impact it will have on the landscape International.

Keywords: islam, islamism, jihadism, Daesh, terrorism, moral panic, fear, image, image analysis, discourse analysis.

Índice

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I. CONTEXTUALIZAÇÃO E ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	3
1.1. Islão.....	3
1.2. Islamismo.....	4
1.2.1. Salafismo e Jihadismo.....	4
1.3. Da Al-Qaeda ao Daesh.....	6
1.3.1. Al-Qaeda no Iraque, EII, EIII.....	7
1.4. Internet, Redes Sociais e Propaganda.....	10
1.5. O Conceito de Pânico Moral.....	14
1.6. O Medo e a Ameaça Terrorista.....	16
CAPÍTULO II. OPÇÕES METODOLÓGICAS.....	19
2.1. Pergunta de Partida.....	19
2.2. Análise de Imagem e Análise do Discurso.....	20
2.3. Organização e Explicação da Análise.....	23
CAPÍTULO III. ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	25
3.1. O Campeonato do Mundo de Futebol.....	26
3.2. Tipologia de Sujeitos Integrantes nas Imagens.....	27
3.3. Resultados da Análise da Imagem.....	28
3.4. Resultados da Análise de Discurso.....	31
3.4.1 Dimensão Discursiva Enquanto Mensagem Visual.....	31
3.4.2. Dimensão Discursiva Enquanto Mensagem Textual.....	33
NOTAS CONCLUSIVAS.....	36
BIBLIOGRAFIA.....	40

Índice de Figuras

Figura 2.1. Grelha de análise.....	24
Figura 3.1. Imagem 1.....	28
Figura 3.2. Imagem 2.....	28
Figura 3.3. Imagem 3.....	28
Figura 3.4. Imagem 4.....	28
Figura 3.5. Imagem 5.....	28
Figura 3.6. Imagem 6.....	29
Figura 3.7. Imagem 7.....	29
Figura 3.8. Imagem 8.....	29

Glossário de Siglas

MAK - Maktab al-Khidmat

AQI – Al-Qaeda no Iraque

AQC – Al-Qaeda Central

MSC – Mujahideen Shura Council

EII – Estado Islâmico do Iraque

EIIL – Estado Islâmico do Iraque e do Levante

EIIS – Estado Islâmico do Iraque e Síria/al-Shams

EI – Estado Islâmico

ISIS – Islamic State of Iraq and Siria/al-Shams

ISIL – Islamic State of Iraq and Levant

CMC – Comunicação Mediada por Computador

DAESH – acrónimo árabe de Dawla al-Islamiyah fi Iraq wa ash-Sham

INTRODUÇÃO

O terrorismo desde sempre se justificou como um dos principais problemas da sociedade em termos globais. Como fenómeno de extrema complexidade, esta problemática tem no medo e na intimidação da sociedade uma das suas principais motivações. A prática da violência, seja ela física ou psicológica, por parte das organizações terroristas, traduz-se na principal ameaça à preservação da democracia e dos direitos humanos. Desta forma, a compreensão das motivações e as razões que estão na origem deste complexo problema terá que ser devidamente realizada com vista a travar a prática do extremismo defendido pelos terroristas.

Nos últimos anos temos assistido a uma constante de acontecimentos que marcaram a atualidade mundial, em concreto a ocorrência de ataques perpetrados por terroristas por todas as partes do mundo, motivados por múltiplos conflitos armados e ações que são muitas vezes resultado de motivações religiosas.

O grupo terrorista Daesh, também designado como Estado Islâmico (EI), tem sido o principal reivindicador destes ataques sendo apontado como um dos principais grupos terroristas da contemporaneidade. O seu grau de popularidade e as estratégias de operacionalização são as suas principais características quando comparadas com outros grupos extremistas já extintos, ou em processo de perda de importância.

A guerra civil na Síria e o envolvimento de várias potências internacionais no desenrolar do conflito marcaram, contudo, um certo decréscimo na estrutura e importância desta organização terrorista, que se vê atualmente reduzida a um pequeno contingente na Síria. Derrotado territorialmente e sem recursos financeiros, o Daesh concentra agora as suas atenções nos seus antigos combatentes regressados aos seus países de origem e apela à sua ação com vista a espalhar o medo e o terror.

Como principal motivação para a realização do presente estudo atribuímos o facto de o terrorismo ser um dos temas em constante desenvolvimento e discussão, sendo dessa forma de extrema importância a sua real compreensão.

Em suma, para a abordagem da temática partir-se-á de uma perspetiva histórica, isto é, partindo do contexto histórico que levou ao surgimento desta organização terrorista, para que seja posteriormente possível problematizar-se o grau de influência do Daesh no Mundial de Futebol de 2018. A sua caracterização como um importante evento à escala global atrai múltiplas atenções tornando-se por si só um alvo apetecível para os jihadistas.

A presente investigação foca-se assim no estudo e compreensão de uma campanha de intimidação iniciada por esta organização terrorista que visa como alvo principal a competição desportiva acima referida.

Recorrendo a uma amostra que se traduz num conjunto de cartazes com alvos concretos, a análise de imagem por nós realizada pretende compreender e identificar as principais ideias e conceitos associados à imagem e à sua utilização enquanto ferramenta comunicacional escolhida pelo Daesh. Dadas as suas múltiplas funcionalidades é, portanto, extremamente importante conhecer o verdadeiro papel da imagem, bem como a sua relevância enquanto instrumento de defesa e expressão de um determinado ponto de vista ou ideia.

Assim, esta dissertação distribui-se por três capítulos principais onde serão abordados diferentes conteúdos tendo em conta a organização do trabalho. No capítulo I trataremos de expor e abordar todo o enquadramento teórico que levou ao surgimento da organização terrorista por nós anteriormente referida. Importa aqui referir que não nos restringiremos apenas à sua contextualização histórica enquanto organização extremista, mas abordaremos também a sua estratégia de comunicação de acordo com os diferentes veículos utilizados. Ainda assim, partiremos numa primeira fase por toda a contextualização relacionada com o Islão enquanto religião, mas também enquanto força política, conhecendo os diferentes movimentos, bem como as motivações que lhe estão associadas. Abordaremos ainda importantes conceitos e teorias no campo da comunicação que estão associados ao nosso fenómeno de estudo, sendo eles internet, redes sociais e propaganda. Por fim, destacamos ainda algumas problemáticas associadas ao terrorismo e à prática do medo enquanto pânico moral.

O Capítulo II diz respeito à metodologia adotada e ao modelo de análise, onde constam a pergunta de partida formulada, assim como as hipóteses pré-estabelecidas e que serão mais tarde alvo de considerações. Este capítulo servirá ainda para expor algumas ferramentas que nos irão ajudar na construção da nossa grelha de análise de imagem a que nos propomos a fazer nesta investigação.

O terceiro e último capítulo apresentará um pequeno olhar sobre o Campeonato do mundo de 2018, sendo posteriormente apresentados os dados recolhidos e as principais ideias retiradas da análise visual e discursiva realizada ao conjunto das oito imagens selecionadas.

Posto isto, apresentaremos as respetivas conclusões finais e o balanço resultante da investigação realizada.

CAPÍTULO I. CONTEXTUALIZAÇÃO E ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1. Islão

O Islão assume-se como uma das principais religiões mundiais praticada pelos seus fiéis, classificando-se como monoteísta. Surgiu no século VII e tem como sua principal figura Maomé, que foi apontado como o seu último profeta e o fiel seguidor dos ensinamentos de Deus, Allah. "Maomé costumava retirar-se para a montanha para meditar. Um dia, junto do Monte Hira, apareceu-lhe o Anjo Gabriel, sob a forma de uma luz intensa, ordenando-lhe que recitasse com ele palavras de adoração e veneração a Deus" (Pinto, 2015: 23). É então que Maomé, na época residente em Meca, hoje Arábia Saudita, dá início às suas pregações através de um conjunto de revelações e textos inscritos no livro sagrado - Alcorão.

No ano de 622 refugia-se na cidade de Medina em resultado da perseguição infligida pelos descrentes da religião islâmica, acontecimento que marca a criação do calendário islâmico, e que ficou conhecido como *hégira*.

Os praticantes desta religião devem seguir e praticar aqueles que são considerados os cinco "pilares": a profissão de fé (*Shebada*) - que consiste na idolatria de Allah como o único e inigualável Deus, à semelhança do seu profeta, Maomé; as cinco rezas diárias (*Salaht*), sempre voltado na direção da cidade de Meca; o cumprimento do jejum durante o mês do Ramadão (*Swam*); a peregrinação a Meca (*Hajj*), que pelo menos uma vez na vida todos os muçulmanos devem cumprir, e finalmente dar esmola (*Zakkat*), num ato de partilha e agradecimento a Allah.

"O Islamismo assenta num vínculo ético que une as pessoas que fazem parte da mesma sociedade, neste caso, a *Ummah*." (Duarte, 2015: 35). Os primeiros quatro califas (Abu Bakr, 632-634, Omar, 634-644, Osman, 644-656 e Ali, 656-661) após a morte de Maomé, seguiram os ensinamentos e os caminhos trilhados pelo próprio - Sunnah¹.

Resultante do processo de escolha daquele que viria a ser o quarto califa ocorre a primeira grande cisão dentro do Islão levando à sua divisão em vários ramos, sendo a mais conhecida a divisão entre os Sunitas e os Xiitas. Os primeiros são considerados a corrente maioritária do Islão, com cerca de 80 a 90% de seguidores, sendo a restante percentagem atribuída aos Xiitas e outras minorias religiosas.

¹ Sunnah - Costume ou tradição do Profeta que surge como prática normativa; do nome deriva o vocábulo «sunita» (*ahle-sunnah*), aquele que segue a *sunnah*. (Duarte, 2015)

Apesar de profundas divergências entre sunitas e xiitas, ambas as fações partilham a ideia de que a lei islâmica (*Sharia*) se deve erguer acima de toda e qualquer lei do mundo Ocidental. Ou seja, mudanças implementadas nos países do ocidente são totalmente rejeitadas pela comunidade islâmica sunita e xiita, que vê na *Sharia*, a sua lei islâmica, e nos ensinamentos transmitidos ao profeta Maomé, a solução política e religiosa para o bem da sociedade islâmica e mundial.

1.2. Islamismo

Enquanto religião, o conceito de Islão é frequentemente associado ao de islamismo, um movimento social e político que visa "a afirmação e a promoção da fé, bem como a gestação de fórmulas governativas de carácter islâmico." (Duarte, 2015: 27). O mesmo autor refere também que o islamismo "tem como fim último a mudança do *status quo* por uma incompatibilidade relativamente aos valores e/ou à ordem jurídica, social e política da situação vigente. Tem como objetivo principal a instauração de um Estado Islâmico (*dawla islamiyya*). E para que tal aconteça, no limite, justifica-se o uso da violência armada" (Duarte, 2015: 31).

Como vertente política, social e religiosa, o islamismo possui diversos teóricos assim como várias correntes, tal como afirma Sandra Liliana Costa: "Atualmente, quando se fala em Islamismo, ouvimos com alguma frequência os termos Wahhabismo², Salafismo, Jihadismo, não raras vezes utilizados como sinónimos. Estas constituem algumas das correntes que povoam o universo islamista, tendo em comum o facto de todas apelarem ao regresso à pureza do Islão inicial" (Costa, 2010: 1).

Tendo em conta o nosso objeto de estudo, centramos a nossa atenção na corrente jihadista e salafista, uma vez que o Daesh e a Al-Qaeda se traduzem nos dois principais grupos terroristas da contemporaneidade que se movem de acordo com estes dois movimentos.

1.2.1. Salafismo e Jihadismo

O salafismo (*Salafiyya*) surgiu no final do século XIX pela mão de Al-Dinal-Afghani (1838-1897), persa xiita, e do egípcio sunita Mohammed Abduh (1849-1905) e traduziu-se num movimento reformista que pretendia combater a influência que a sociedade ocidental vinha tendo junto dos países muçulmanos do médio oriente. Esta reforma, defendem os salafistas, teria que ser conseguida através do seguimento dos

² Wahhabismo - Doutrina defendida pelos discípulos de Ibn Abd al-Wahhab (1703-1792), cuja influência predomina no Islão saudita. (Duarte, 2015)

ensinamentos e exemplos seguidos pelos companheiros (*salaf*) do profeta. Os muçulmanos seguidores desta corrente "devem purificar a sua religião das tradições e inovações censuráveis, seguindo estritamente o Alcorão, a Sunnah e o exemplo da primeira comunidade de Muçulmanos, e os seus comportamentos devem ser sancionados por estas fontes religiosas." (Costa, 2010: 12).

As raízes do jihadismo a que hoje assistimos são resultado, entre outros aspetos, dos conflitos armados verificados no Afeganistão na década de oitenta, assim como a guerra na Chechénia e mais tarde os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos. Este conjunto de acontecimentos veio aumentar de uma forma generalizada o sentimento de hostilidade entre o ocidente e o médio oriente. "O jihadismo descolou-se do islamismo. Afastou-se do combate político e radicalizou-se. Advoga uma utopia e visa a aniquilação dos supostos obstáculos ao seu fim. Surge agora como fundamento de ação violenta." (Duarte, 2015: 69).

Jihad é um conceito frequentemente descrito como a luta ou o esforço em nome do Islão, e que nos últimos anos tem sido comumente utilizada em diversos contextos. Interligada com o islamismo, a jihad ou o jihadismo dizem respeito à defesa e à propagação da religião islâmica por todo o mundo.

O conceito de jihad é muitas vezes dividido de acordo com duas conceções: jihad maior e jihad menor. "A primeira é a luta interior contra os inimigos da vida espiritual, a luta contra o mal e contra o egoísmo. É um esforço maioritariamente individual, mas também comunitário. A segunda é a luta armada contra os inimigos do Islão, o combate contra o infiel" (Duarte, 2015: 83).

De extrema pertinência é também o conceito de salafismo-jihadista que nos leva para o contexto de surgimento da Al-Qaeda e de diversas outras organizações terroristas, verificando-se também uma globalização da jihad, que deixou de centrar as suas atenções e as suas lutas apenas nos territórios islâmicos, tornando-se assim numa jihad global.

"Depois do Afeganistão, os jihadistas estavam prontos para confrontar o império bizantino do mundo contemporâneo, os EUA. É nesta condição que o paradigma muda: o objetivo passa por internacionalizar a jihad e islamizar o mundo. A suportar esta ambição está a retórica religiosa do salafismo-jihadista." (Duarte, 2015: 103).

O salafismo-jihadista conjuga a retórica reformista e conservadora do islão e as ideias radicais associadas ao jihadismo, estabelecendo como objetivo principal o combate aos inimigos do islão, e aos muçulmanos que não seguem os preceitos transmitidos pelo

profeta Maomé e os quatro primeiros califas. O mundo ocidental e os países envolvidos em ações militares no Médio Oriente tornam-se nos alvos dos jihadistas radicais e defensores do salafismo-jihadista. "O terrorismo é considerado um meio legítimo e necessário na sua campanha para re-islamizar o mundo muçulmano e derrubar os regimes locais que acusam de seculares e dependentes do Ocidente" (Costa, 2010: 15).

1.3. Da Al-Qaeda ao Daesh

Tal como referido anteriormente a guerra no Afeganistão caracteriza-se por ter sido o acontecimento que veio dar um contexto global à causa jihadista e ao mesmo tempo reunir todo o conjunto de combatentes de diversas nacionalidades em torno da mesma causa.

Em 1984, Abdullah Azzam, de origem palestina, funda o *Maktab al-Khidmat* (MAK), uma organização que pretendia apoiar e orientar os combatentes e soldados religiosos -*mujaheedin* - acabados de chegar para o conflito afegão-soviético. O referido movimento funcionou como um "aquecimento" para o surgimento da Al-Qaeda de Osama Bin Laden, que integrou inclusive o MAK.

Com a retirada das tropas soviéticas do Afeganistão, em 1989, situação que ditou a derrota dos soviéticos no conflito, as várias organizações jihadistas reuniram-se poucos anos depois e organizaram-se dando origem à Al-Qaeda. Bin Laden, líder desta organização, identifica como seu alvo prioritário os EUA e os governos dos países islâmicos que se aliaram aos governos ocidentais. A Al-Qaeda tornou-se o primeiro grande movimento representativo do jihadismo global, movimento esse que fixou como objetivos gerais os seguintes: "a alteração da ordem internacional; a governação pela *Shariah*³; a transformação da sociedade muçulmana; e, por fim, a restauração do Califado Universal" (Duarte, 2015: 110).

A declaração de guerra ao Ocidente e aos EUA atinge o seu ponto alto nos acontecimentos terroristas de 11 de setembro, de 2001, levando, conseqüentemente, o presidente George W. Bush a formar uma coligação para a invasão do Iraque. O chefe de estado norte-americano argumentava que o ditador iraquiano Saddam Hussein prestaria apoio à Al-Qaeda e aos seus membros, e que possuía armamento nuclear no país.

³ *Shariah* - lei baseada nos Textos Sagrados do Islão e na tradição da jurisprudência. (Duarte, 2015)

É na sequência dos vários acontecimentos ocorridos no Iraque após a invasão dos EUA e dos seus aliados que viria a surgir o Daesh, tal como afirma Nuno Lemos Pires: "Ao não se conseguirem criar as condições para a estabilidade da região e, depois, por se sair de forma quase abrupta em 2011, sem se garantir uma solução equilibrada e inclusiva entre Sunitas, Xiitas e Curdos, ficou um espaço alternativo para se recriar um Estado Islâmico" (Pires, 2016: 25).

1.3.1. Al-Qaeda no Iraque, EII, EIIL

As raízes do Daesh remontam às ações de Al-Zarqawi, de nome Ahmed Fadeel al-Nazhal al-Khaleyleh, natural da cidade jordana de Zarqa onde nasceu em 1966. Considerado um marginal e alguém que não revelava ser um puro cumpridor dos preceitos do Islão, tendo sido condenado por diversos crimes contra o governo e a sociedade Jordana.

No ano de 2003 formou o *Al-Tawhid wa al-Jihad*, (Monoteísmo e *Jihad*) dando início a um ciclo de aproximações à Al-Qaeda de Osama Bin Laden (Rogeyro, 2015), situação que teve a sua confirmação um ano depois, com a criação da Al-Qaeda no Iraque (AQI), um movimento terrorista que adotou como prática dominante a realização de violentos atentados terroristas em solo iraquiano e o acompanhamento e apoio dado aos combatentes estrangeiros acabados de chegar ao país para integrar o movimento (Stern & Berger, 2015). A visão extremamente radical e violenta de Al-Zarqawi veio revolucionar a estratégia de propaganda da Al-Qaeda que até essa altura apostava numa estratégia de propagação das suas ideias através de longos vídeos com discursos e mensagens com recurso às redes sociais e aos fóruns jihadistas. Estes passaram a ser substituídos por vídeos de cariz extremamente violento onde eram reproduzidas decapitações e filmados atentados suicidas contra a população xiita no Iraque.

Em janeiro de 2005, Al-Zarqawi fundou o grupo Conselho da Assembleia dos Combatentes da Liberdade, ou MSC, uma organização que reunia os diversos membros dos principais grupos jihadistas do Iraque e do Levante.

A relação entre o líder da Al-Qaeda Central, Bin Laden, e Al-Zarqawi, desde sempre se revelou algo divergente em resultado de algumas discórdias, em concreto nos ataques dirigidos contra civis muçulmanos, o que para Bin Laden se revelava inconcebível. (Stern & Berger, 2015). Apesar de sucessivos avisos e alertas por parte dos líderes da Al-Qaeda Central (AQC), Al-Zarqawi manteve os seus ataques e ações

violentas contra os xiitas e restantes grupos rivais, até junho de 2006, quando foi morto numa operação aérea planejada entre os EUA, o Iraque e a Jordânia.

Abu Hamza al-Muhajir, experiente jihadista egípcio, assume a liderança do MSC que passa a designar-se por Estado Islâmico do Iraque (EII), ou em inglês Islamic State of Iraq (ISI), que atribuiu a chefia a Abu Omar al-Baghdadi.

Com a intenção de travar o crescimento do EII, assim como a escalada de violência existente, as forças de ocupação norte-americanas em cooperação com o governo iraquiano de Nouri al-Maliki formam o movimento sunita antijihadista - que ficou conhecido como Despertar, ou Filhos do Iraque. (Rogeyro, 2015).

Mas o esforço revela-se inglório e cerca de dois anos passados o primeiro-ministro iraquiano, al-Maliki, decide aplicar um conjunto de medidas repressivas contra o “Movimento Despertar” e contra os iraquianos sunitas, acabando por fortalecer o EII. "O Sr. Maliki não poderá ser culpado de todos os males do Iraque, mas poder-lhe-á ser apontada responsabilidade por empurrar a comunidade sunita para os braços do EIIL"⁴ (Cockburn, 2014: 67). Isto resultou num regresso do país a um clima de instabilidade política e social motivado por sucessivos atentados terroristas.

Em abril de 2010, como resultado de uma operação conjunta entre norte americanos e iraquianos, Abu Hamza al-Muhajir e Abu Omar al-Baghdadi são abatidos, deixando o Estado Islâmico do Iraque sem liderança.

Passado apenas um mês e o novo líder estava encontrado, Abu Bakr al-Baghdadi nome de guerra de Ibrahim Awwad Ibraihm Ali al-Badri al-Samarrai, o primeiro califa do Estado Islâmico, atual Daesh (Rogeyro, 2015).

O líder do movimento terrorista era então descrito como um indivíduo reservado, com formação académica em estudos religiosos islâmicos na Antiga Universidade de Bagdad, tendo começado a sua transformação como muçulmano radical durante o tempo em que esteve detido em Camp Bucca⁵, onde contactou com diversos jihadistas simpatizantes do salafismo-jihadista que revelaram ter pertencido à Al-Qaeda no Iraque.

Quando al-Baghdadi assume a liderança do ainda EII beneficiou da revolta sunita em torno das ações do primeiro-ministro iraquiano (pró xiita) que vinha constantemente a repreender as tribos pertencentes ao movimento Despertar. O novo líder soube retirar proveitos do descontentamento da população e de antigos membros

⁴ EIIL - Estado Islâmico do Iraque e do Levante

⁵ Centro de detenção iraquiano gerido pelos EUA e que funcionou até 2009.

do governo de Saddam que tinham sido expulsos da vida política e que viram no Estado Islâmico do Iraque uma oportunidade de se sentirem apoiados por uma causa.

Em abril de 2011, a Primavera Árabe⁶ estende-se até à Síria que mergulha numa intensa guerra civil, al-Baghdadi decide enviar "vários operacionais para a Síria, incumbindo-os de edificarem uma nova organização jihadista que pudesse operar daquele país." (Stern & Berger, 2015: 63-64). Importa também referir que a ocorrência deste conjunto de revoltas coincidiu também com a retirada do exército norte-americano do Iraque, o que veio ainda mais facilitar o trabalho ao EII.

Entregue a operação a Abu Mohammed al-Jawlani, também conhecido como al-Golani, um membro sírio da Al-Qaeda no Iraque, é criado um grupo que ficaria conhecido como Jabhat al-Nusra e que depressa estabelece uma rede de contactos com vários grupos jihadistas naquele país vizinho, combatendo o regime do presidente Assad.

Al-Qaeda Central, EII e Al-Nusra entram em desacordo em abril de 2013, quando al-Baghdadi decide anunciar a fusão do EII com o al-Nusra, afirmando que a Jabaht al-Nusra seria o representante do EII na Síria, assumindo este um novo nome: EIIS/EIIL, ou seja, Estado Islâmico do Iraque e Shams/Síria, ou Estado Islâmico do Iraque e do Levante. (Rogero, 2015). Ambos os líderes da Al-Nusra, Golani, e Al-Zawahiri - que assumiu a liderança da Al-Qaeda Central após a morte de Bin Laden -, rejeitaram as ações de Al-Baghdadi. O agora EIIS declara-se então independente da Al-Qaeda Central que viu a Al-Nusra e Al-Golani garantir fidelidade a Al-Zawahiri. EIIS e Al-Nusra iniciam uma série de confrontos pela disputa de vários territórios na Síria, o que leva a um distanciamento cada vez maior entre ambas as organizações jihadistas.

Recusando a partilha de cidades e espaços conquistados, o EIIS e Al-Baghdadi depressa se afirmam como o principal grupo terrorista da era contemporânea, realizando diversos ataques terroristas em solo europeu contra os países que integraram a coligação internacional.

É em junho de 2014 com a conquista de Mossul, cidade iraquiana de cerca de 1,5 milhões de habitantes, que o ISIS escreve um dos seus principais capítulos na luta pela implementação de um Estado Islâmico, isto depois de ter estabelecido a cidade síria de Raqqa como a sua capital naquele país. "Foi uma vitória estrondosa de uma força que

⁶ Onda de protestos em diversos países do Norte de África e do Médio Oriente que levou à deposição dos regimes ditatoriais da Tunísia, Egito, Iémen, Líbia e ao surgimento da guerra na Síria.

rondava os mil e trezentos homens e que venceu uma força com sessenta mil efetivos, incluindo o exército iraquiano e as polícias federal e local." (Cockburn, 2014: 35).

Como se explica então que um exército em relativa inferioridade numérica tenha conseguido conquistar a cidade de Mossul, e assim estabelecer-se como a principal força governativa naquele país? O equipamento militar fornecido pelos EUA e restantes países da coligação internacional caiu nas mãos dos jihadistas do ISIS assim que o exército iraquiano desertou e deixou a cidade ao seu completo abandono. No final do mês de junho dá-se então a declaração de instalação do Califado, e o grupo passa a adotar o nome de Estado Islâmico, sendo Al-Baghdadi o novo califa. O líder apelou a todos os membros da Jihad Internacional a adesão à causa do Daesh⁷. (Rogero, 2015)

1.4. Internet, Redes Sociais e Propaganda

A emergência dos meios de comunicação veio alterar o paradigma de comunicação e socialização entre cidadãos.

"Até há pouco tempo não podíamos pensar numa coisa e tê-la feito nesse preciso momento. As mudanças numa página escrita ou numa tela pintada levavam pelo menos alguns minutos a serem feitas. Agora, a velocidade de interação atingiu a imediaticidade" (Kerckhove, 1997: 81).

O espaço presencial veio dar lugar ao espacial, tornando a comunicação em tempo real praticamente ausente de barreiras, algo que podemos relacionar com o conceito de ciberespaço.

Um dos principais teóricos do ciberespaço e do desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação foi o francês Pierre Lévy. Importantes ideias como a comunicação em rede, entre computadores, foram algumas das considerações que o autor desenvolveu e dessa forma define ciberespaço como "o espaço de comunicação aberta pela interligação mundial dos computadores e das memórias informáticas." (Lévy, 2000: 95).

No século XX, a comunicação entre seres humanos que era tradicionalmente feita através de um contacto presencial ou através das telecomunicações, tem vindo cada vez mais a ser substituída pelas novas plataformas de comunicação digitais, com recurso à internet. É através desta rede, de múltiplos serviços, que a sociedade global estabelece conexões e troca ideias, desenvolvendo cada vez mais a ideia da existência de

⁷ Daesh costuma designar as palavras do acrónimo referente ao EI como: Dawlat (Nação) al-Isamyia Iraq - Sham (*Grande Síria ou Levante*) (Rogero, 2015)

comunidades globais. Essa visão é defendida por Lévy ao afirmar que "tecnicamente, em virtude da iminente ligação em rede de todas as máquinas do planeta, já quase não há mensagens «fora de contexto», separadas de uma comunidade ativa" (Lévy, 2000).

Também o professor e sociólogo espanhol Manuel Castells tem, ao longo das últimas décadas, focado as suas áreas de estudo e interesse na internet, e no impacto desta sobre as relações estabelecidas entre seres humanos. Dessa forma afirma que a "internet é a espinha dorsal da comunicação global mediada por computador (CMC): é a rede que liga mais redes de computadores" (Castells, 2002: 455). Na opinião deste autor, a internet destaca-se e acima de tudo e distingue-se de outros importantes meios, devido à sua interatividade e, ao papel de consumidores e produtores de conteúdos que a mesma oferece aos seus utilizadores, que se agrupam cada vez mais numa sociedade em rede.

No livro lançado em resultado de um seminário internacional organizado pelo professor Gustavo Cardoso e Manuel Castells em 2005, este último define o conceito da seguinte forma:

A Sociedade em Rede, em termos simples, é uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas na microelectrónica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós dessas redes (Castells & Cardoso 2005: 20).

O desenvolvimento desta comunicação mediada por computadores com recurso à internet tornou a sociedade, bastante mais próxima, quebrando barreiras geográficas que em décadas anteriores se afirmavam como uma limitação a diferentes fenómenos.

Importa, contudo, realçar que toda esta ideia da existência de redes entre os seres humanos e de uma sociedade interativa e interligada deve-se, principalmente, a um processo de globalização, globalização essa que se deu nas mais importantes áreas (tecnologia, política, economia, cultura).

Em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação (2004), obra organizada por José Barreiros, José Manuel Paquete de Oliveira e Gustavo Cardoso, o autor britânico Frank Webster dá conta deste processo de globalização.

Para Webster, a globalização "refere-se aos processos crescentes e acelerantes de interpenetração e interdependência de relações à escala mundial, relações em que o tempo e o espaço são «comprimidos»" (Webster, 2004: 44). Segundo este autor, a

globalização derrubou quaisquer barreiras ou limitações que existam hoje entre os cidadãos, tornando possível a todos nós agirmos de uma forma autónoma e em tempo real consoante tudo aquilo a que estamos sujeitos de ver e conhecer. "As relações – industriais, financeiras, intelectuais – são conduzidas e encenadas globalmente e cada um de nós é influenciado por elas, quer se trate do que comemos em nossa casa, ou do modo como trabalhamos ou dos *media* que vemos e ouvimos" (Webster, 2004: 44).

Tal como referido anteriormente a internet foi o motor que desenvolveu o processo comunicacional, um processo que derivava de ciclos pessoais e restritos, que se vieram a tornar mais amplos e marcados pela organização da sociedade em rede. Sociedade essa marcada pela globalização e pela transformação social. São hoje várias e intemporais as redes de contacto que existem em todo o mundo. Também o autor britânico Roger Silverstone partilhava da ideia de interligação entre os seres humanos afirmando que "vivemos numa era global. O mundo, literalmente, é nossa ostra. Esta é a época em que as relações tempo-espaciais são substituídas por relações espaço-temporais" (Silverstone, 2002: 199-200).

As redes sociais deram azo à criação de comunidades e organizações que gerem a suas interações e as suas ações em função dos interesses partilhados em comum. O desenvolvimento comunicacional derrubou barreiras que anteriormente eram evidentes e condicionavam o evoluir do processo de socialização e comunicação. As redes sociais são hoje um conceito difícil de definir e de caracterizar sabendo nós que o seu significado é múltiplo e facetado. O constante desenvolvimento de novas redes e plataformas digitais tornam frequente o aparecimento de novas realidades, assim como o despoletar de antigas.

O terrorismo é um desses problemas e uma dessas realidades e hoje é também ele analisado e discutido nas redes sociais, fazendo parte de uma estratégia de atuação das organizações terroristas que ali viram uma poderosa arma à sua disposição.

A capacidade de movimentação do Daesh na Internet e nas Redes Sociais é talvez a sua característica mais diferenciadora, no que à propaganda e recrutamento diz respeito. "A utilização da internet é crucial para os vários principais grupos do jihadismo global. O ciberespaço é um meio comunicacional para fazer valer a sua estratégia subversiva" (Duarte, 2015: 245).

Como movimento terrorista criado no auge da comunicação digital, o Daesh caracteriza-se por estar à frente de grupos como a Al-Qaeda que sempre se regeram por

procedimentos e estratégias algo ultrapassadas, como os tradicionais e longos vídeos de propaganda religiosa.

Nuno Rogeiro dá conta dessa apropriação das redes sociais, que servem para múltiplas tarefas: "Para o EI, as redes sociais abriram-se para novos horizontes de combate, recrutamento, incitamento e até planeamento operacional, exagerado ou real" (Rogeiro, 2015: 82).

Se estabelecermos uma comparação na forma de comunicar a sua mensagem entre membros da Al-Qaeda na última década, esta era feita maioritariamente através de endereços de email ou em fóruns. O Daesh vai mais longe e, à parte das principais redes sociais como o Twitter ou o Facebook, o grupo utiliza frequentemente aplicativos e plataformas como o Tumblr, o Ask.Fm/Ask-Book e o WhatsApp pela sua capacidade de troca de mensagens, imagens e vídeo em tempo real. Para "fugir" ao rasto destas ações servem-se ainda de importantes serviços de troca de SMS que se distinguem pela sua capacidade de autodestruição, ou seja, encriptação, como o Telegram, Off-the-Record, Messaging, Wickr ou o Firechat.

O grupo soube aliar as suas ações terrestres com a importante conquista do espaço virtual e das estratégias de comunicação, tornando a adesão à causa jihadista acessível e ao alcance de todos os interessados. "Note-se, pois, que o acesso fácil à Internet e a disponibilidade de informação permite que qualquer indivíduo chegue à mensagem, se assim o entender, de uma forma individual e de difícil deteção" (Duarte, 2015: 246).

No que diz respeito à propaganda, a máquina também parece estar bem "oleada". Num artigo publicado no site do jornal digital Observador⁸, o professor e investigador em assuntos de segurança e terrorismo, Filipe Pathé Duarte, dá conta dessa movimentação do Estado Islâmico através dos centros de comunicação al-Hayat Media Center, al-Furāt Media Center (que apenas utiliza o idioma russo) e da Zora Foundation (plataforma dirigida às mulheres). Segundo o próprio, estes departamentos de comunicação "trabalham para disseminar a “marca” Daesh de uma forma global. Produzem massivamente sofisticados conteúdos em vídeo, fotografia, áudio e texto, que depois são disseminados no ciberespaço pelas redes sociais. É puro marketing digital a uma escala industrial.". Esta profunda alteração, que resulta numa nova estratégia de comunicação das organizações terroristas, tem no Daesh o seu elemento diferenciador.

⁸ "O DAESH digital". Disponível em: <http://observador.pt/opiniao/o-daesh-digital/>. Consultado em 15 de novembro de 2017.

Como afirmam Stern & Berger: "De repente os materiais estavam por todo o lado, nos telemóveis, nos tablets e nos computadores de pessoas comuns que consultavam rotineiramente o mundo online." (Stern & Berger, 2014: 154).

Com uma organização extremamente hierarquizada, o grupo possui uma gigante máquina de propaganda, das quais as revistas Dabiq e a mais recente Rumiya são o exemplo perfeito de como indicar a um "lobo solitário"⁹ a forma mais adequada de realizar um incidente terrorista. Refira-se ainda que ambas as revistas estão traduzidas em diversos idiomas (Árabe, Inglês, Alemão, Francês, Turco, entre outros).

A produção de filmes e documentários como *Flames of War* ou *Clanging of the Swords Part I, II, III e IV* revelam um elevado grau de profissionalismo e de domínio das ferramentas vídeo e multimédia.

O mesmo se pode dizer dos vídeos relativos a atos violentos, em concreto as decapitações, que são ensaiadas diversas vezes e que decorrem em diferentes *takes*.

"A 13 de novembro de 2014, o Estado Islâmico mostrava ao mundo que a propaganda islâmica já não estava na mão de amadores. Em vez de imagens de fraca qualidade, surgiam nas redes sociais pequenos filmes feitos com tecnologia de ponta, que pouco ficavam a dever aos *videoclips* da MTV" (Franco & Moleiro, 2015: 143).

1.5. O Conceito de Pânico Moral

As sociedades globais são palco de um conjunto de perigos e problemas sociais que são frequentemente descritos como ameaças à estabilidade e segurança de cada cidadão. No caso concreto do terrorismo - temática aqui abordada -, os media e os agentes políticos deverão assumir um papel crucial na compreensão e interpretação deste fenómeno por força de evitar que o medo e o pânico deem muitas vezes lugar a uma interpretação dos factos que não corresponda à sua verdadeira realidade.

Com vista a descrever o clima de medo e de ameaça que as sociedades enfrentam foi desenvolvido, na década de setenta do século passado, o conceito de pânico moral. O sociólogo britânico Jock Young utilizou-o pela primeira vez, em 1971, em referência à preocupação que o aumento do consumo de drogas vinha tendo junto da sociedade. A explicação deste conceito deriva de "um efeito espiral produzido pela interação entre os

⁹ "Indivíduos que - (ou pequenas células) - em nome de uma ideologia, neste caso, o jihadismo global perpetuam ações armadas contra concidadãos civis de países ocidentais" (Duarte, 2015: 249).

media, a opinião pública, os grupos de interesses e as autoridades que deu origem ao fenómeno que ficou conhecido como pânico moral"¹⁰ (Thompson, 1998:7).

No ano seguinte o também sociólogo e criminologista Stanley Cohen desenvolveu esta ideia em *Folk Devils and Moral Panics* (1972), estudo onde analisou as reações dos media, do público e dos agentes políticos aos comportamentos que caracterizavam os movimentos juvenis de contracultura britânica daquele período (Rothe & Muzzatti, 2004).

De acordo com Stanley Cohen o pânico moral resulta quando "uma condição, episódio, pessoa ou grupo de pessoas que emerge para ser definido como uma ameaça aos valores e interesses da sociedade; a sua natureza é apresentada de uma forma estilizada e estereotipada pelos meios de comunicação de massa; [...]"¹¹ (Cohen, 2002: 1).

O professor Kenneth Thompson (1998) refere cinco elementos chave ou estados que derivam da definição apresentada por Cohen, sendo eles os seguintes:

1. Algo ou alguém é definido como uma ameaça aos valores ou interesses;
2. Esta ameaça é retratada pelos media de uma forma facilmente reconhecível;
3. Há um rápido crescimento do interesse público;
4. Há uma resposta das autoridades ou dos influenciadores de opinião;
5. O pânico retrocede ou resulta em mudanças sociais.

Na visão de Cohen, os meios de comunicação são assim muitas vezes um dos agentes responsáveis por promover um certo exagero, amplificando e distorcendo a real dimensão de determinados factos ou acontecimentos, o que contribui para a ideia de que as sociedades são palco de insegurança e falta de controlo social. "Os meios de comunicação de massas são a mais importante fonte de informação e de controlo social porque têm ajudado a que o medo faça parte da nossa vida, da nossa linguagem e do nosso ponto de vista."¹² (Altheide, 2006: 1-2).

A isto podemos ainda juntar um importante contributo trazido pelo norte-americano Howard Becker (1963) que classificou um determinado conjunto de indivíduos como os "moral entrepreneurs", por força da sua ação como agentes de defesa dos comportamentos considerados desviantes e imorais na sociedade. Estes grupos de indivíduos eram assim responsáveis por atitudes e ações classificadas como

¹⁰ Tradução própria

¹¹ Tradução própria

¹² Tradução própria

"cruzadas morais" que visavam despertar o interesse da opinião pública e consequentemente pressionar os agentes políticos e as entidades de segurança para que fosse restabelecida e aplicada a ordem social. (Thompson, 1998).

Para responder à questão: "Como sabemos se o pânico moral existe numa determinada sociedade?" Goode e Ben-Yehuda, (2009: 37) definem o conceito de pânico moral de acordo com cinco elementos ou critérios chave:

a) a preocupação (*concern*) relativa ao comportamento de determinado grupo e as consequências que esse comportamento apresenta para a sociedade;

b) hostilidade (*hostility*) para com o grupo de visados que pratica o comportamento desviante e que é visto como uma ameaça;

c) consenso (*consensus*) relativamente ao grau de veracidade e realidade que a ameaça produzida por determinado grupo representa;

d) desproporcionalidade (*disproportionality*) face ao grau da ameaça, ou seja, verifica-se um certo exagero relativamente aos danos que determinada ameaça pode causar;

e) volatilidade (*volatility*) relativamente ao período de presença do pânico uma vez que pode aparecer repentinamente, assim como voltar a dissipar-se.

O conceito de pânico moral tem sido diversamente estudado e analisado ao longo das últimas quatro décadas, devido à ligação que vai estabelecendo com os meios de comunicação de massas e o poder político, sendo bastantes vezes utilizado como estratégia e ferramenta de controlo social.

1.6. O Medo e a Ameaça Terrorista

O terrorismo tem marcado as sociedades humanas desde sempre, mas tem assumido na contemporaneidade uma cada vez maior preocupação, motivada pelo aumento de ocorrências assim como pelo aumento do seu nível de ameaça.

O professor da Universidade do Arizona, David Altheide, estudou o fenómeno de política de medo no pós 11 de setembro defendendo que "o medo como entretenimento informa a produção de notícias e da cultura popular, gera lucros e permite que os decisores políticos controlem as audiências através da propaganda. Este processo é referido como política de medo"¹³ (Altheide, 2006: 2).

¹³ Tradução própria

O mesmo autor refere ainda que a origem do medo e o seu exercício se caracteriza pelo seu amplo campo de sujeitos e motivações: "A fonte do medo pode ser uma autoridade, uma entidade religiosa ou um inimigo interno ou externo" (Altheide, 2006: 15).

A cultura de medo implantada nos EUA pela administração Bush, juntando-se ao papel dos meios de comunicação na cobertura noticiosa, do acontecimento referido em cima, teve como objetivo fulcral o de criar um ambiente de pânico moral que mais tarde culminaria em acontecimentos como a invasão e a conseqüente guerra do Iraque.

O sociólogo alemão Ulrich Beck publicou a sua obra *Sociedade de Risco*, em 1986, onde teceu importantes considerações sobre o impacto e o aumento dos riscos inerentes ao desenvolvimento das tecnologias, assim como da economia industrial. "A aceleração da modernização produziu um fosso entre o mundo do risco calculável no qual pensamos e agimos, e o mundo das inseguranças não-quantificáveis que estamos a criar." (Beck, 2002: 40).

O atentado terrorista de 11 de setembro, de 2001, nos EUA marcou uma nova era no que à cobertura noticiosa dos conflitos terroristas diz respeito, assim como também no tipo de ações e medidas a ser tomadas pelos diversos organismos políticos do mundo.

Um ano após este incidente, Beck abordava-o em *The Terrorist Threat World Risk Society Revisited* (2002) defendendo que as explicações dadas sobre aquele acontecimento eram todas elas poucas claras e concisas e que o "colapso na linguagem" era também ele reflexo daquilo a que o sociólogo germânico apelidava de "Sociedade de Risco Mundial" (Beck, 2002). Aquando da publicação deste artigo, o autor destacou que todo o alarmismo e exagero que tinha sido criado e produzido pelo governo dos EUA, e em especial pelo presidente George W. Bush, tinha resultado naquilo que ainda hoje é reflexo das intenções dos terroristas: espalhar o medo e o receio junto das populações.

A administração Bush adotou diversas medidas com o objetivo de tornar a ameaça cada vez mais real e com uma maior dimensão. O presidente justificou que era estritamente necessário que a nação norte-americana estivesse em permanente mobilização, que o orçamento para questões militares teria que ser alvo de um amplo aumento, ao qual se somaria uma limitação das liberdades e os direitos civis teriam que sofrer algumas restrições. (Beck, 2002; Rothe & Muzzatti, 2004).

Implantado o efeito de medo e pânico moral, a sociedade torna-se apetecível aos olhos dos terroristas que, servindo-se dos meios digitais de comunicação, alargam o seu raio de ação e atingem diversos públicos, através das suas campanhas de propaganda

ideológica. Imagem, vídeo e texto assumem um papel importante nas estratégias de propaganda utilizadas por determinados grupos terroristas, uma vez que permitem explorar diferentes ideias e diferentes narrativas. Conhecer as suas diferentes funções e objetivos permite-nos mais facilmente compreender o contexto da sua utilização.

No capítulo seguinte explicamos a natureza da análise realizada, assim como o modo de organização da mesma, reforçando o papel da imagem e do discurso no campo da comunicação.

CAPÍTULO II. OPÇÕES METODOLÓGICAS

Estando apresentado o objeto do nosso estudo, assim como todo o contexto que levou ao seu surgimento, compete-nos nesta fase relatar as opções metodológicas e qual a estratégia orientada no desenrolar da investigação realizada.

Sendo o assunto aqui abordado um tema que tem estado em constante discussão pública, fruto dos vários acontecimentos que lhe estão associados, e dada a sua larga extensão e conjunto variado de caminhos a seguir, decidimos focar a nossa atenção no estudo das ameaças que o Daesh dirigiu às principais figuras do Campeonato Mundial de Futebol de 2018, na Rússia.

2.1. Pergunta de Partida

"A melhor forma de começar um trabalho de investigação em ciências sociais consiste em esforçar-se por enunciar o projecto sob a forma de uma pergunta de partida" (Quivy & Campenhoudt, 2005: 44).

Seguindo a linha de raciocínio dos autores em cima referidos, formulámos como questão de investigação a seguinte: *Quais os efeitos e as consequências resultantes das ameaças produzidas pelo Daesh ao Mundial de Futebol 2018?*

Em resultado da revisão e análise bibliográfica realizada, numa fase mais primária, esboçámos como hipóteses de trabalho de investigação, as seguintes:

- As ameaças ao Mundial de Futebol de 2018 ditarão uma nova investida do Daesh na internet e nas redes sociais.
- A utilização de figuras conhecidas do meio futebolístico, como jogadores e treinadores, garantirá uma maior visibilidade e notoriedade ao grupo terrorista.

Esboçadas as hipóteses de trabalho, optámos pela utilização de uma metodologia de cariz intensivo qualitativo, algo que se justificou pelo facto de a temática em estudo ser um assunto de difícil observação direta. O mesmo se pode afirmar relativamente ao contacto com os agentes envolvidos.

De acordo com Manuel Freixo (2009) "O objetivo desta abordagem de investigação utilizada para o desenvolvimento do conhecimento é descrever ou interpretar, mais do que avaliar" (Freixo, 2009: 146). Tal como o autor refere, a metodologia qualitativa pretende garantir ao investigador uma compreensão total e o mais ampla possível do fenómeno a ser estudado.

Numa primeira fase optámos por realizar três entrevistas, que nos serviram como base de exploração da temática em estudo. Dos informadores privilegiados fizeram parte o Coronel Nuno Lemos Pires - Doutorado em História, Defesa e Relações Internacionais pelo ISCTE-IUL, autor do livro "Resposta ao Jihadismo Radical" (2016); Felipe Pathé Duarte - Mestre e Doutorado em Ciência Política e Relações Internacionais pelo Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa. Lançou em 2015 "Jihadismo Global Das Palavras Aos Atos" (2015); Hugo Franco - jornalista do semanário Expresso, nas temáticas de Sociedade e Internacional, premiado internacionalmente pela reportagem: "Matar e Morrer por Alá Cinco Portugueses no Estado Islâmico". Lançou em conjunto com a jornalista Raquel Moleiro o livro "Os Jihadistas Portugueses" (2015).

Como complemento às fontes bibliográficas consultadas previamente, assim como às entrevistas exploratórias realizadas, procedemos à recolha e posterior análise do conjunto de imagens publicadas pelo Daesh nas redes sociais. Foi assim realizada uma análise de imagem e discurso presente no conjunto das imagens que se pensam produzir o efeito de medo e de ameaça ao campeonato do Mundo de Futebol de 2018.

2.2. Análise de Imagem e Análise do Discurso

A imagem tem assumido um importante papel no decurso de toda a história mundial, nos seus mais diversos campos. Nós, seres humanos, desde que nascemos que somos confrontados com imagens, sem que, no entanto, saibamos o que são, ou o que representam. A imagem assume múltiplos sentidos, assim como formatos, daí que o seu estudo e análise sejam de extrema pertinência, para que a sua correta compreensão nos permita entender o seu importante papel enquanto ferramenta de comunicação.

Dada a sua extensa dimensão e a sua evidente omnipresença, a definição do conceito de imagem assume-se como uma difícil tarefa, sendo vários os autores a debruçar-se sobre ele, assim como na associação deste com a análise de imagem. Mas o que é afinal uma imagem? Sendo um conceito intemporal, o filósofo grego Platão chamava imagens: “em primeiro lugar às sombras; em seguida, aos reflexos nas águas ou à superfície dos corpos opacos, polidos e brilhantes e todas as representações deste género.” (cit. Joly, 2007: 13).

Resumidamente, poderemos afirmar que é uma representação, ilustração de um determinado objeto, acontecimento ou pessoa.

Em *Introdução À Análise da Imagem* (2007), Martine Joly tece importantes considerações sobre a imagem e a sua utilização e associação aos fenómenos da comunicação. Nas suas palavras, a imagem: “designa algo que, embora não remetendo sempre para o visível, toma de empréstimo alguns traços ao visual e, em todo o caso, depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém, que a produz ou a reconhece” (Joly, 2007: 13).

Na mesma linha de raciocínio, Jacques Aumont afirma também que a imagem se define como “um objeto produzido pela mão do homem, em um determinado dispositivo, e sempre para transmitir a seu espectador, sob forma simbolizada, um discurso sobre o mundo real” (Aumont, 2002: 260). Podemos assim afirmar que a relação entre imagem e sujeito é toda ela indissociável, isto porque é criada por um sujeito produtor de uma intenção, que será depois visualizada e analisada pelo respetivo espectador.

Focando-nos agora no conceito de análise de imagem – que rege esta investigação -, consideramos importante seguir primeiro pela contextualização de uma ciência que é não raras vezes associada à imagem, a semiótica. A semiótica é entendida como a disciplina que estuda os signos e a significação atribuída às muitas linguagens e acontecimentos que nos rodeiam. Esta importante disciplina científica deriva de duas importantes correntes: uma de origem norte-americana que teve em Charles Peirce (1839-1914) o seu expoente máximo; e outra de raiz europeia, que foi defendida pelo linguista suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913), que adotou o conceito de Semiologia.

O que distingue os dois teóricos é que para Saussure: “sendo a linguagem um sistema de signos entre outros signos de que o homem se serve para comunicar, a linguística seria uma ciência particular de determinados signos, os signos da linguagem, e enquadrar-se-ia na ciência geral da semiologia que se debruçaria sobre todos os signos” (Fidalgo, 1998: 6).

Para Peirce a semiótica enquanto ciência geral dos signos não se restringia ao campo da comunicação verbal, alargando-se assim a outros domínios da comunicação (música, fotografia, cinema, teatro, entre outros).

Ainda de acordo com a autora, a tarefa do analista é “precisamente a decifração das significações que a aparente naturalidade das mensagens visuais implica” (Joly, 2007: 47). Queremos com isto dizer que cabe ao analista desconstruir a intenção que vigora por trás da imagem produzida. Cabe ao analista demonstrar através da análise

que “a imagem é realmente uma linguagem, uma linguagem específica e heterogênea” (Joly, 2007: 53).

Outra das vertentes a que a nossa análise diz respeito centra-se no conteúdo discursivo que integra o grupo de imagens analisadas, isto porque: “a linguagem não só participa na construção da mensagem visual, mas transmite-a, completando-a mesmo, numa circularidade simultaneamente reflexiva e criadora” (Joly, 2007: 11). Dessa forma centramos também as nossas atenções na análise de discurso.

A análise de discurso é o “estudo dos significados que atribuímos à linguagem e às ações que realizamos quando usamos a linguagem em determinados contextos”¹⁴ (Gee & Handford, 2012: 1).

Este é, também, um conceito amplamente estudado e que em consequência disso se desconstrói através de múltiplas correntes e disciplinas de análise (linguística, sociologia, psicologia, antropologia). Importa, contudo, fazer referência a duas abordagens basilares quando falamos do discurso e do seu estudo: a análise de discurso frequentemente apelidada de análise de discurso francesa (AD) e a análise crítica do discurso (ACD)

Para o norte-americano Norman Fairclough, defensor da ACD, o termo discurso designa “todo o processo de interação social no qual o texto é apenas uma parte dele. Este processo inclui além do texto o *processo de produção*, do qual o texto é um produto, e o *processo de interpretação*, no qual o texto é um recurso”¹⁵ (Fairclough, 2001: 20). Esta ideia de transformação social através do discurso pretende demonstrar que a sua análise, neste caso a análise de determinado texto, funcionará como uma desconstrução das intenções aplicadas em determinados textos ou mensagens e o impacto que isso terá na socialização e conseqüente transformação do ser humano.

Já a análise de discurso francesa (AD), que é frequentemente associada a Michel Pêcheux (1938-1983), influenciada pelas ideias do marxismo de Althusser, depois conjugadas com o estruturalismo e a psicanálise (Angermuller *et al.*, 2014), diz que esta “teoriza como a linguagem é materializada na ideologia e como esta se manifesta na linguagem” (Orlandi, 2005: 10). A linguagem deixa de ser vista como um simples automatismo, passando a ser analisada pelas suas características e intenções enquanto fenómeno linguístico.

¹⁴ Tradução própria

¹⁵ Tradução própria

2.3. Organização e Explicação da Análise

“Definir o objetivo de uma análise é indispensável para estabelecer os seus próprios instrumentos, não esquecendo que eles determinam em alto grau o objeto de análise e as suas conclusões” (Joly, 2007: 54).

Como referido anteriormente, a nossa análise recai sobre um conjunto total de oito imagens, que são referentes ao Campeonato do Mundo de Futebol que decorrerá na Rússia, no presente ano, entre os dias 14 de junho e 15 de julho. Este torneio destaca-se por ser a principal e mais mediática competição desportiva, à semelhança dos Jogos Olímpicos, por reunir trinta e dois países dos vários cantos do mundo.

O grupo de imagens analisadas divide-se em duas categorias, por força de não representarem o mesmo alvo, uma vez que os agentes envolvidos não são sempre os mesmos. Desta forma os casos escolhidos são os seguintes:

- Quatro imagens de quatro jogadores diferentes; e um treinador – Cristiano Ronaldo (Seleção Portuguesa de Futebol); Lionel Messi (Seleção Argentina); Neymar (Seleção Brasileira); Marco Asensio (Seleção Espanhola) e por último Didier Deschamps, Seleccionador Nacional Francês.

- Três imagens que são dirigidas à competição desportiva em geral e ao país onde a mesma decorrerá.

Na justificação para a escolha das respetivas oito imagens, escolhemos as cinco que mostram quatro jogadores de diferentes nacionalidades e um selecionador nacional, pelo fato de serem dirigidas a diferentes alvos e possuírem um fator diferenciador entre elas - a nacionalidade. Nas restantes três optámos por escolher as que considerámos mais expressivas visualmente, não esquecendo também, fundamentalmente, o seu carácter diferenciador relativamente às restantes.

A nossa análise teve por base os seguintes autores: Aumont (2002), Mazzoleni (2002) e Joly (2007) numa perspetiva mais visual e estética da imagem; enquanto na componente discursiva nos socorremos de Patrick Charaudeau na identificação dos sujeitos participantes no ato de linguagem.

“Não há método absoluto para a análise, mas sim opções a fazer, ou a inventar, em função dos objetivos” (Joly, 2007: 54), desta forma e sendo o nosso tipo de análise de

carácter descritivo elaborámos a seguinte grelha de análise que se apresenta na página seguinte (*figura 2.1.*) e que conjuga as três dimensões por nós analisadas.

Figura 2.1. Grelha de Análise de Imagem

Identificação do sujeito da imagem	
Anexar a imagem em análise	Nome: Idade: Nacionalidade: Clube atual: Posição: Internacionalizações: Religião (Pública):
Dimensão social da imagem	
Fonte: Identificação da fonte raiz que permitiu aos jornais publicarem as imagens divulgadas. Legenda: Tradução do conteúdo linguístico presente na imagem. Meio de divulgação: Identificação da fonte jornalística que divulgou a imagem em contexto informativo.	
Dimensão Técnica da Imagem	
Enquadramento: Identificação dos planos observados nos sujeitos da imagem: conjunto, inteiro, americano, grande, muito grande, etc; Identificar se o enquadramento é largo ou apertado. Profundidade de campo: classificar a nitidez ou não da imagem, dizendo se existe ou não profundidade de campo na mesma. Estética: Identificação das cores presentes na imagem.	
Dimensão Discursiva da Imagem	
Imagem: Identificação dos objetos e elementos presentes na imagem e respetiva simbologia. Texto: Breve análise do conteúdo discursivo presente na imagem e a interpretação atribuída ao mesmo.	

CAPÍTULO III. ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo faremos a leitura dos dados analisados e apresentaremos as respetivas ideias e ilações que resultaram do preenchimento das grelhas de análise. É apresentado um pequeno enquadramento do Mundial de Futebol com vista a esclarecer o desenrolar do torneio e elencar a sua importância a níveis mediáticos para a análise realizada.

Como referido anteriormente, a nossa análise centrou-se num total de oito imagens que resultaram de cartazes partilhados pelo Daesh com o objetivo de ameaçar e intimidar a organização, participantes e o público em geral do Mundial de Futebol 2018, na Rússia. O conjunto de imagens diferencia-se através do sujeito que é representado na imagem e no alvo que se pretende atingir.

Importa referir que as imagens foram recolhidas através dos *websites* dos vários meios de comunicação que noticiaram a sua partilha.

Considerámos como fonte de divulgação das imagens o SITE Intelligence Group¹⁶, organismo que monitoriza as atividades de diversos grupos extremistas na internet. Esta entidade, que foi quem denunciou as imagens, refere no seu *site* que estas foram difundidas inicialmente pela Wafa Media Foundation, uma plataforma de conteúdos jihadista pró Daesh.

O conjunto de imagens e respetiva análise encontra-se disponível para consulta nos *Anexos (de A a H)* e centra-se na grelha por nós criada, que se encontra na *figura 2.1* do capítulo anterior. As três dimensões que compõem a respetiva grelha foram construídas de acordo com três categorias ou perspetivas que estabelecemos para a nossa análise, sendo elas: a dimensão social da imagem, onde foram destacadas as componentes associadas à sua divulgação; a dimensão técnica da imagem, em que se descreveu a composição desta de acordo com as principais noções que a caracterizam (enquadramento, profundidade de campo e estética); e a dimensão discursiva que se dividiu através da vertente texto/imagem e onde se pretendeu explicar o significado e simbologia do discurso presente na imagem.

Apesar da nossa grelha de análise incluir as informações respetivas à análise da imagem e análise do discurso, para que a compreensão e a exposição de ideias seja mais clara iremos abordar primeiro toda a questão visual, entrando aqui a dimensão técnica da nossa grelha; posteriormente abordaremos a dimensão discursiva e o conteúdo das

¹⁶ Site Intelligence Group - Organismo que monitoriza atividades de grupos extremistas na internet.

mensagens publicadas. A tradução das mensagens que se encontravam escritas no idioma russo ou árabe foram traduzidas com recurso ao website: newocr.com.

3.1. O Campeonato do Mundo de Futebol

Data o ano de 1930, quando no Uruguai se disputou a primeira edição do Campeonato do Mundo de Futebol, o primeiro torneio futebolístico a reunir as diversas federações internacionais reconhecidas pelo organismo máximo do futebol – FIFA.

A competição organizada pela FIFA, num período que ocorre de quatro em quatro anos, caracteriza-se por ser a principal prova futebolística internacional, reunindo as trinta e duas seleções, das seis confederações que integram esse organismo, que garantam lugar na mesma através da fase de qualificação.

A prova decorre durante os meses de junho e julho e reúne as seleções participantes num total de oito grupos. Após a primeira fase - em que se qualificam os dois melhores classificados de cada grupo -, o torneio prossegue com dezasseis equipas, que a partir daí jogam através de três fases a eliminar, até serem encontrados os dois finalistas do troféu.

O Brasil é o país que mais vezes venceu a competição (cinco títulos), seguindo-se a Itália e a Alemanha (quatro títulos cada), Argentina e Uruguai (dois títulos cada) e Inglaterra, França e Espanha (um título cada).

A edição deste ano, que será a vigésima primeira, decorrerá na Rússia e dividir-se-á por onze cidades, sendo elas: Moscovo, São Petersburgo, Kazan, Rostov, Socchi, Volgogrado, Ecatimburgo, Samara, Saransk, Kaliningrado e Níjni Novgorod.

Sendo a principal competição desportiva internacional, à semelhança dos Jogos Olímpicos, o Mundial de Futebol é também um dos eventos desportivos que mais recordes alcança a nível de conteúdo mediático. Na última edição – que teve lugar no Brasil -, a prova registou audiências na casa dos 3,2 biliões de espectadores¹⁷, tendo a final da competição alcançado o registo de cerca de 1 bilião de espectadores. Estamos desta forma a falar de um evento absolutamente recordista em audiências de telespectadores. A isto acresce ainda a componente de globalidade que o evento oferece, sendo várias as nacionalidades a marcar presença o que por si só motiva um largo acompanhamento e mobilização de adeptos que se deslocam ao país anfitrião do certame para assistir aos vários jogos.

¹⁷ "Audiências televisivas do Mundial de 2016" Disponível em: <http://www.fifa.com/worldcup/news/2014-fifa-world-cuptm-reached-3-2-billion-viewers-one-billion-watched--2745519>. Consultado a 4 de maio de 2018

Estamos na presença de um evento que desperta atenções em todo o mundo, o que por si só se revela um alvo para os interesses e intenções de grupos terroristas como o Daesh que aqui encontram uma oportunidade para intimidar e ameaçar os seus alvos.

3.2. Tipologia de Sujeitos Integrantes nas Imagens

Nesta parte e por forma a tornar claro o entendimento dos sujeitos que participaram neste ato de comunicação estabelecido entre emissor e recetor adotámos a definição de sujeitos da linguagem formulado pelo autor francês Patrick Charaudeau (2008). Segundo este, o sujeito produtor do ato de linguagem é designado como EU, o sujeito produtor do ato de linguagem (enunciador), enquanto o sujeito-interlocutor deste ato de linguagem se designa por TU (Charaudeau, 2008).

Assim, atribuímos a posição de enunciador (EU) ao Daesh uma vez que é desta organização terrorista que parte a intenção do discurso. Referindo-nos ao TU importa fazer algumas distinções e dividir este sujeito como sendo um sujeito destinatário (TUd) e um sujeito interpretante (TUi). “O TUd é o interlocutor fabricado pelo EU como destinatário ideal, adequado ao seu ato de enunciação. O EU tem sobre ele um total domínio, já que o coloca em um lugar onde supõe que a sua intenção de fala será totalmente transparente para TUd” (Charaudeau, 2008: 45).

De acordo com as duas tipologias de imagens por nós analisadas, atribuímos o TUd aos sujeitos que as integram, neste caso os jogadores e treinador visados, podendo-se estender aos cidadãos dessa mesma nacionalidade. Nas três imagens que se dirigem à Rússia enquanto país anfitrião, aqui os alvos passam a ser todos os cidadãos de nacionalidade russa. “O TUi (que anteriormente chamamos de TU) é, ao contrário, um ser que age fora do ato de enunciação produzido pelo EU. (...) O TUi é o sujeito responsável pelo processo de interpretação que escapa, devido à sua posição, do domínio do EU” (Charaudeau, 2008: 46). Desta forma, consideramos como TUi todos os sujeitos que tenham acesso às imagens e as consultem enquanto internautas e leitores de notícias onde as mesmas surjam. Estas duas tipologias de sujeitos acabam assim por ser fixas de acordo com a análise realizada.

3.3. Resultados da Análise da Imagem

Partindo da nossa grelha de análise e de uma das três categorias por nós criada – dimensão técnica – é possível verificar que existem algumas tendências e intenções de centrar as atenções nas figuras que integram as imagens. Falamos dos quatro futebolistas (Ronaldo, Messi, Neymar e Asensio) e do selecionador nacional francês (Didier Deschamps) que nas cinco imagens que integram, no enquadramento destas, são colocados sempre no centro do cartaz. O enquadramento “corresponde à dimensão da imagem, resultado suposto da distância entre o tema fotografado e a objetiva” (Joly, 2007: 109). Na generalidade das imagens o enquadramento foi sempre vertical largo e amplo, o que permite ter uma ideia de afastamento, ao contrário das *figuras 3.2 e 3.4* onde se verifica que é estreito, mas ainda assim vertical.



Figura 3.1. Imagem 1



Figura 3.2. Imagem 2



Figura 3.3. Imagem 3

Outra das tendências que marcou a quase totalidade, à exceção da *figura 3.2*. (onde Messi surge sozinho), é a de se observarem sempre planos conjuntos, havendo sempre mais que um sujeito na imagem. Na *figura 3.3* é até possível observar três sujeitos (Neymar, Messi e um atacante terrorista). Quando falamos do tipo de plano utilizado estamos a referir-nos à figura humana presente na imagem (Mazzoleni, 2005), ou seja, através da forma como o sujeito(s) é/são representado(s) na mesma. Falando ainda de planos, na *figura 3.2*. onde surge Messi, o jogador argentino é apresentado através de um grande plano, sendo também essa uma exceção nas restantes imagens.



Figura 3.4. Imagem 4



Figura 3.5. Imagem 5

No que diz respeito ao segundo conjunto de imagens, e onde o enfoque está centrado na competição desportiva em geral e no país que a organiza – a Rússia –, a tipologia de planos utilizada é variada. Na *figura 3.7.*, onde surge um sujeito de costas, verifica-se um plano inteiro representando o sujeito na sua totalidade. A *figura 3.6.* e *3.8.* apresentam um plano conjunto sendo vistos vários sujeitos nos dois cartazes. As restantes características do enquadramento nestas três imagens traduzem-se como sendo horizontal e amplo (*figura 3.6.*) e vertical nas duas outras, sendo uma de enquadramento largo (*figura 3.7.*) e outra de enquadramento estreito (*figura 3.8.*).

Figura 3.6. Imagem 6



Figura 3.7. Imagem 7



Figura 3.8. Imagem 8



No que se refere à profundidade de campo, as observações são variadas sendo que não existe uma tendência igual em todas imagens. Ao falarmos de profundidade de campo, “abordamos um dos parâmetros fundamentais para definir o enquadramento: a *nitidez*” (Mazzoleni, 2005: 41). A profundidade de campo traduz-se na divisão da imagem entre o que se apresenta focado, ou seja, com relativa nitidez e o que pelo contrário surge desfocado e torna impercetível a totalidade de objetos e conteúdos da imagem. “Esta noção está ligada a uma representação do espaço que dá a ilusão da terceira dimensão, enquanto que o que temos diante de nós é uma imagem plana de duas dimensões” (Joly, 2007: 110-111).

Neste caso, as imagens onde surgem Ronaldo (*figura 3.1.*), Neymar/Messi (*figura 3.3.*), Asensio (*figura 3.4.*) e Deschamps (*figura 3.5.*) verifica-se a existência de profundidade de campo em larga escala. As quatro imagens referidas permitem visualizar toda a área, o que reforça a ideia de estarmos perante um cenário de três dimensões. A exceção aplica-se ao cartaz onde é apresentado Lionel Messi, sendo a cara do jogador argentino o maior foco de nitidez.

Relativamente ao trio de imagens onde a ameaça se destina diretamente à Rússia, os resultados acabam por ser variados entre cada um dos cartazes. A *figura 3.6.* surge

como a imagem que maior profundidade de campo apresenta, sendo o grau de nitidez e de focagem praticamente semelhante em toda a área. A imagem que concentra um estádio de futebol (*figura 3.5.*) mostra uma profundidade de campo de grau médio, sendo que o objeto que se observa no centro (o troféu da competição) apresenta uma maior nitidez quando comparado com os adeptos que surgem na bancada, à semelhança da *figura 3.7.*

Focando-nos agora na questão da estética, em concreto na importância que a cor e a luz representam para o significado da imagem, percebemos que existe uma certa tendência de utilização de cores mais escuras nas imagens onde surgem as figuras futebolísticas. Já nas três imagens que se focam na ameaça dirigida ao país anfitrião, as cores mais utilizadas acabam por ser mais quentes, contrastando com as anteriormente referidas.

Na *figura 3.1.* e *3.2.* o registo predominante é o preto e branco, apenas se verificando a cor vermelha nas palavras “Waiting” e “Just Terrorism” respetivamente. Ainda assim a cara de Lionel Messi surge com mais claridade quando comparada com a de Cristiano Ronaldo na imagem anterior. Na *figura 3.3.* a tendência de pouca luz na imagem é mantida, mas verifica-se a presença do laranja nos uniformes que Neymar e Messi vestem, enquanto o atacante se apresenta de preto. São ainda visíveis alguns tons de castanho que representam o que aparenta ser uma representação de um deserto ou paisagem semelhante e o azul que ilustra o céu. No cartaz onde é apresentado o espanhol Asensio (*figura 3.4.*) a cor mais representada é o castanho e o cinzento, estando as duas personagens com uniformes dessa mesma cor. Verifica-se a utilização de um tom amarelado que ilustra o céu e cria um efeito de luz que ilustra o sol e que por sua vez ilumina a paisagem posterior ao jogador e ao atacante (estádio e edifícios). A mensagem discursiva surge em branco. A última imagem deste primeiro grupo (*figura 3.5.*) o laranja (uniforme de Deschamps) e o preto (do atacante) voltam a ser a tendência mais presente, havendo um certo foco de luz que ilumina os dois personagens da imagem e que reforça as suas roupas.

No segundo conjunto de imagens verifica-se, então, a mudança para as cores mais quentes como o vermelho e o laranja (associado às explosões) como é visível na *figura 3.6.* e *3.8.* Nesta é ainda visível o preto associado ao que parece ser um polícia no canto inferior direito da imagem. Por sua vez a *figura 3.7.* quando comparada com todas as outras, caracteriza-se como sendo a que mais diversidade (de cores) apresenta, sendo visível o castanho, o vermelho, verde, azul, branco.

Regra geral não se verifica na totalidade dos cartazes anunciados uma grande diversidade de cores ou tons que criem ou propiciem um efeito de contraste. Ainda assim, a *figura 3.5.* apresenta um foco de luz que ilumina o selecionador francês Didier Deschamps e o atacante que lhe está apontar uma arma, o que faz com que as nossas atenções se centrem em ambos, especialmente em Deschamps.

3.4. Resultados da Análise de Discurso

“A mensagem linguística é determinante na interpretação de uma *imagem* no seu conjunto, uma vez que esta seria particularmente polissémica, isto é, poderia produzir numerosas significações diferentes que a mensagem linguística deverá destrinçar” (Joly, 2007: 126).

Como componentes integrantes dos oito cartazes, as mensagens discursivas revelaram-se bastante variadas quanto ao tipo de ideia que se pretendeu passar, assim como ao alvo que se pretendeu atingir. O conjunto de oito imagens foi divulgado entre outubro de 2017 e abril de 2018.

3.4.1 Dimensão Discursiva Enquanto Mensagem Visual

No que diz respeito à leitura que fazemos da mensagem visual de cada cartaz verificaram-se algumas tendências semelhantes às que já referimos anteriormente. Falamos da disposição dos sujeitos que integram as *figuras 3.1. a 3.5.*, exceto *figura 3.2.*, a qual foi sempre semelhante, ou seja, em todos os cartazes o sujeito destinatário foi sempre colocado no centro da imagem, apresentando-se ajoelhado perante o seu atacante. Este tipo de enquadramento em primeiro lugar revela o poder e a centralidade das personagens e a intenção de captar a atenção. O contraste entre a base e o topo tem também ele um propósito, o de evidenciar a superioridade, a autoridade e a intimidação do atacante versus a vulnerabilidade e derrota das vítimas, neste caso os futebolistas e o selecionador francês.

A *figura 3.2.* onde o sujeito destinatário surge atrás das grades, em grande plano, a deitar uma lágrima de sangue, reforça e transmite uma ideia de medo e terror, um sentimento de alguém que se apresenta conformado com o desfecho que o espera. Na figura seguinte é retomada a posição de atacante versus vítima (Neymar), mas desta feita verifica-se que Messi ao integrar também a imagem surge colocado à margem, no lado direito, surgindo já decapitado. O jogador brasileiro por sua vez surge em lágrimas enquanto o atacante se apresenta com uma faca na sua mão. A paisagem envolvente aparenta ser um deserto, um tipo de cenário no qual o grupo terrorista costuma filmar os

seus vídeos de execuções transmitindo o efeito de realidade. A *figura 3.4* segue a mesma linha de raciocínio das anteriores estando Marco Asensio ajoelhado perante um terrorista do Daesh.

Do lado direito dos dois indivíduos surge uma mochila onde se vê um lança rockets e uma espingarda automática. É de referir ainda que se visualiza o estádio do Zenit São Petersburgo, clube da cidade onde em abril de 2017 ocorreu um atentado terrorista no metro, que vitimou quinze pessoas, e que foi reivindicado pelo Daesh.

A última imagem do primeiro grupo analisado (*figura 3.5.*) mostra-nos o atual selecionador francês, Didier Deschamps, de uniforme laranja, sentado diante de um jihadista que lhe aponta uma pistola e que claramente assume uma postura de autoridade e intimidação perante a vulnerabilidade e pose de derrota do técnico francês.

As três imagens que integram a segunda categoria de análise - *figura 3.6. a 3.8.* - tendo como sujeito destinatário a sociedade russa centram-se mais em transmitir uma ideia de caos e destruição, mas aplicada à generalidade do país. Esse sentimento de vingança e desforra - resultante da participação russa nas ações militares na Síria - é demonstrado através da identificação de estádios como alvo de explosões. Isso é visível através da *figura 3.7. e 3.8.* onde se visualiza o exterior do estádio Luzhniki, em Moscovo, que acolherá a final da prova, e o estádio do Spartak Moscovo (na metade inferior da imagem) respetivamente. A *figura 3.6.* apresentando também o interior de um estádio, não nos permite identificar qual seja. De referir que em dois dos casos é quase representado o mesmo cenário: a ocorrência de uma explosão em larga escala. Nesses dois casos (*figura 3.6. e 3.8.*) observa-se que o troféu da competição é representado como o rastilho e o foco da explosão. A *figura 3.8.* tem ainda a particularidade de dividir as suas atenções ao colocar na parte inferior da imagem o exterior do estádio do Spartak Moscovo, enquanto na parte superior foram recuperadas imagens do atentado terrorista ocorrida em Westminster, Londres, em 2017, visualizando-se uma pessoa a ser assistida por paramédicos. Esta recuperação dos acontecimentos de Londres acaba por funcionar como uma lembrança de que a ameaça do Daesh é real e pode ser observada no passado recente frutos dos diversos atentados terroristas ocorridos nos últimos anos um pouco por todas as partes do mundo.

Por fim, uma última referência à imagem que apresenta o estádio nacional russo - Luzhniki - (*figura 3.7.*) e que tem a particularidade de simular um ataque a um dos espaços e edifícios mais emblemáticos do futebol russo que receberá o último jogo da

competição. Na imagem é visível um combatente terrorista armado a encarar o estádio, tendo ao seu lado uma mochila com explosivos.

3.4.2. Dimensão Discursiva Enquanto Mensagem Textual

A mensagem textual assume um importante papel na imagem sendo a sua função muitas vezes discutida: terá esta uma função de explicação da imagem, ou funcionará como complemento da mensagem que se pretende transmitir? Esta e outras questões foram estudadas por Roland Barthes, que se focou no estudo da importância da imagem, em concreto no ramo da publicidade.

No sentido de conhecer o real papel da mensagem linguística na imagem, o autor francês fala de duas funções que lhe poderão ser atribuídas: ancoragem e substituição.

O efeito de ancoragem verifica-se quando uma determinada mensagem linguística está presente numa imagem com uma função de transmitir ideias concretas que sirvam para reforçar o real significado da imagem. “O texto ajuda a identificar pura e simplesmente os elementos da cena e a cena em si” (Barthes, 1977: 39).

No que diz respeito ao efeito de substituição, este verifica-se quando a mensagem linguística é utilizada com o propósito de atuar como explicação da imagem, ou seja, é utilizada uma mensagem linguística como complemento ao conteúdo visual. “A função de *substituição* manifestar-se-ia, por seu lado, quando a mensagem linguística vem complementar as carências expressivas da imagem, tornando-se sua substituta” (Joly, 2007: 128).

Ainda sobre a função e a finalidade da língua e do discurso na imagem, recuperamos os quatro modos de organização do discurso propostos por Charaudeau (2008): enunciativo – quando o enunciador estabelece uma relação de influência perante o destinatário e expressa o seu ponto de vista; descritivo – identifica e qualifica os seres de maneira objetiva ou subjetiva; narrativo – quando é feito um relato através de um conjunto de factos que compõem uma história; argumentativo – expor e provar causalidades com o propósito de influenciar o interlocutor.

Focando-nos agora neste último tópico que diz respeito às mensagens textuais que acompanham os cartazes por nós analisados, verificam-se diferentes mensagens em função de cada sujeito destinatário, o que se revela esclarecedor tendo em conta os diferentes alvos. Em todas as imagens notamos que o modo de organização discursivo observado se traduz no enunciativo, uma vez que a intenção do sujeito enunciador passa

por influenciar e expressar uma posição de liderança e de vitória perante os seus inimigos.

A *figura 3.1.*, onde é apresentado o capitão da seleção portuguesa, ajoelhado e aparentemente agredido, partilha a mensagem: “As nossas palavras são o que vês, não o que ouves. Por isso, esperem. Nós estamos à espera também”. Esta mensagem e tendo em conta o seu período de divulgação – outubro de 2017, período em que o Daesh confirmava a perda dos seus últimos territórios no Iraque e na Síria – pretende transmitir a ideia de que o grupo, apesar de derrotado territorialmente, será capaz de reerguer-se e concretizar ataques. É expressada uma ideia que se traduz da seguinte forma: “não acreditem no que ouvem, mas sim no que veem”.

O cartaz seguinte, que apresenta Messi atrás das grades, é reforçada novamente a ideia de invencibilidade, independentemente das derrotas territoriais e políticas da organização terrorista. Através da frase “Just Terrorism”, a organização terrorista estabelece uma analogia com o slogan, da marca norte-americana Nike, “Just Do It”. A referida imagem parece ter sido encarada com alarmismo por parte da federação argentina de futebol, uma vez que o embaixador russo em Buenos Aires reuniu-se com o presidente e o selecionador do país sul-americano, uma semana depois após a divulgação da imagem.

A *figura 3.3.*, que recorre aos jogadores Neymar e Messi, apresenta a frase: “Vocês não terão segurança até que nós a tenhamos nos países muçulmanos”, que atua como um aviso. A escolha destes dois jogadores sul americanos funciona como forma de se conferir à mensagem um maior grau de mediatismo, uma vez que estes dois futebolistas são considerados dois dos melhores jogadores do mundo, à semelhança de Ronaldo. Mas o real alvo do conteúdo linguístico são os países ocidentais que têm estado envolvidos nos conflitos na Síria e Iraque a combater o grupo terrorista. O ataque e a ameaça aos países ocidentais é, de resto, uma das maiores motivações do Daesh.

As duas últimas figuras deste grupo de imagens (*figura 3.4.* e *3.5.*) caracterizam-se como sendo as que recorrem a dois alvos concretos e que utilizam mensagens específicas. Em primeiro lugar, o cartaz que coloca o espanhol Asensio como alvo, sendo este apelidado de “Zionis”. A palavra em português é Sionista e designa alguém que é apoiante do Sionismo¹⁸. A razão da escolha do jogador espanhol e da sua apelação como sionista, resulta de uma polémica na qual o médio do Real Madrid se

¹⁸ Movimento político que defende a formação de um estado israelita independente na Palestina.

viu envolvido, depois da colocação de uma *selfie* na rede social *Twitter*, aquando de um jogo entre a seleção espanhola e a seleção de Israel. A mensagem colocada neste cartaz revelou alguma dificuldade na sua tradução, uma vez que a sua construção e organização se revelam algo confusas, assim como às palavras escolhidas. Ainda assim, a ideia transmitida é de que Allah, a principal figura do Islão, castigará e punirá os cristãos e judeus. Esta mensagem, que atua como uma referência histórica aos conflitos que opuseram os muçulmanos e os cristãos, no tempo das cruzadas, funciona como um reavivar desse sentimento de vingança. Ao mesmo tempo, ao incluir Asensio no cartaz, o Daesh acaba ainda por dirigir uma ameaça aos espanhóis, não esquecendo que em agosto de 2017, a cidade de Barcelona foi palco de um atentado reivindicado por esta organização terrorista.

Na última imagem (*figura 3.5.*) onde o alvo e sujeito destinatário (TUd) é Didier Deschamps este é apelidado de “inimigo de Allah”. O técnico gaulês, aquando do europeu de futebol de 2016, foi acusado de racismo¹⁹ pelo antigo futebolista francês Eric Cantona, por não ter convocado Karim Benzema e Hatem Ben Arfa, dois jogadores nascidos em França com raízes magrebina e praticantes da religião muçulmana. Vários meios de comunicação atribuem essa questão ao título que o Daesh decidiu colocar na imagem. Centrando as atenções no treinador francês, a verdade é que o restante conteúdo discursivo se pode considerar também uma mensagem dirigida à sociedade francesa. Há uma promessa de continuar a aterrorizar as vidas dos franceses, que são o país europeu que mais ataques terroristas sofreu nos últimos três anos e meio, sendo também um dos mais acusados de racismo e desrespeito pela religião islâmica.

O segundo grupo de cartazes (*figuras 3.6. a 3.8.*) aponta a Rússia como alvo das ameaças e o conteúdo das mensagens revela-se bastante direcionado para este país enquanto aliado do presidente sírio Bashar al-Assad na guerra da Síria. A Rússia por todo o histórico de conflitos no Afeganistão e na Chechénia foi sempre considerado pelos jihadistas um alvo direto.

A mensagem que integra a primeira imagem (*figura 3.6*) classifica-se como um desafio e pode ser encarado como uma ideia de desforra. “Nós vamos à Rússia lutar no vosso território”, traduz-se numa provocação encarando a crença que reina entre os russos, que classificam o seu país como uma das mais poderosas potências mundiais. O

¹⁹ "Eric Cantona believes Didier Deschamps may have left out France players on racial ground", disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2016/may/26/eric-cantona-didier-deschamps-may-left-out-players-racial-grounds>. Consultado em 7 de maio de 2018.

facto de a mensagem estar escrita no idioma russo demonstra a preocupação por parte dos terroristas de fazerem chegar a sua missiva a um maior conjunto de cidadãos. Esta acaba por ser a mensagem com um conteúdo mais expressivo

No geral estas três imagens caracterizam-se como sendo semelhantes na ideia transmitida: o desejo de vingança e desforra em resultado dos danos causados pelo exército russo nos vários conflitos militares travados em territórios do médio oriente. As alianças estabelecidas com o Irão e a organização xiita Hezbollah são outras das razões que validam o facto da Rússia se apresentar como principal alvo do Daesh. De acordo com um relatório publicado pelo Soufan Group, em outubro de 2017, a Rússia é o país estrangeiro que mais combatentes viu ingressar nas fileiras do Daesh, com cerca de 3,417 combatentes. O mesmo relatório refere ainda que se estima que cerca de 400 membros terão regressado ao seu o país natal, o que por si só motiva anda mais as atenções russas na prevenção de ataques terroristas.

Numa síntese geral, e pela análise da totalidade de imagens e conteúdos discursivos, julgamos que as nossas hipóteses anteriormente formuladas revelam ir ao encontro das principais ideias que recaem da realização do presente estudo. O facto do Daesh ter iniciado esta campanha de intimidação na mesma altura em que via a capital do seu califado ser destituída revela e demonstra a intenção da organização terrorista em provar que a sua luta continuará a ser travada, seja no espaço físico ou virtual.

O mesmo se pode dizer da intenção de adotar figuras de eleição do futebol internacional, o que por si só motivou a divulgação por parte dos vários meios de comunicação internacional que noticiaram e destacaram os cartazes.

NOTAS CONCLUSIVAS

O Daesh veio abalar o panorama internacional e revolucionar as estratégias anteriormente utilizadas pelas várias organizações terroristas, essa é uma das maiores conclusões dos últimos anos. Seja pela sua capacidade militar, seja pela sua capacidade em obter recursos financeiros, a verdade é que a organização terrorista está atualmente reduzida a um pequeno contingente na Síria. Tendo aí perdido os seus principais territórios e no Iraque, o Daesh viu parte dos seus membros retornarem a casa, o que por si só motiva um sentimento de derrota e um certo adormecimento por parte deste grupo jihadista. Derrotado territorialmente, financeiramente, e a nível de contingente humano, o grupo volta agora a centrar as suas atenções nos meios digitais, apelando aos seus “soldados” que em nome da causa jihadista ataquem o Ocidente.

A nossa investigação centrou-se nessa apropriação que a organização terrorista fez dos meios digitais, em concreto da internet, com vista a ameaçar o campeonato do mundo de futebol a ter lugar na Rússia, no próximo verão. Com recurso a um conjunto variado de imagens trabalhadas e editadas, o grupo publicou e divulgou alguns cartazes que em idiomas variados como o inglês, o russo e o árabe visaram diferentes sujeitos e alvos. A imagem desde sempre foi utilizada para diversos fins, assumindo por isso múltiplas funções, o que a torna um importante meio de comunicação para o Daesh.

A nossa análise ao grupo de oito imagens e ao discurso nelas presente permitiu-nos observar algumas tendências e ideias que reforçam a intenção do grupo em criar um clima de medo e de terror em torno desta importante competição desportiva. Em primeiro lugar percebemos que a escolha de figuras relevantes e importantes do futebol internacional garante ao Daesh uma maior visibilidade e um grau de maior propagação das suas intenções. Isso é visível através dos múltiplos meios de comunicação a noticiar a partilha dos cartazes o que tornou a ameaça global e a ser observada por diversos países. A seleção argentina capitaneada por Messi, um dos visados nas imagens, pouco tempo depois da publicação do cartaz onde era apresentado o jogador argentino, decidiu reunir-se com o embaixador russo, em Buenos Aires. Não sendo certa a razão da reunião ou se esta teve ligação com a ameaça, o facto de ter ocorrido apenas poucos dias passados após a divulgação torna a situação algo curiosa.

As várias imagens divulgadas demonstram também através da sua componente técnica ter sido construídas e pensadas de acordo com uma linguagem própria que pretende transmitir e demonstrar o discurso de superioridade e de liderança do grupo

terrorista. A disposição dos sujeitos pelos cartazes, assim como a posição em que atacante e vítima são colocados revela essa centralidade da ação. As expressões apresentadas nas caras dos vários sujeitos são, regra geral, demonstrações de medo, terror e desespero.

Ainda sobre a escolha e a utilização de determinados sujeitos destinatários é notório um certo critério que não apenas a sua dimensão mediática, falamos aqui sim de uma escolha que assenta em episódios ou situações que de alguma forma sejam vistas pelos membros do Daesh como uma ofensa. Falamos de Asensio e Didier Deschamps que parecem ter sido colocados nas imagens em resultado dos episódios que mencionámos no capítulo anterior. Recorre-se na maioria dos casos, e aqui falamos dos dois conjuntos de imagens analisadas, a uma tipologia de cores e de objetos que regra geral acaba por ser assente em cores escuras, havendo, porém, uma exceção no segundo conjunto de imagens (*figura 3.6. a 3.8.*), onde foram utilizadas algumas cores mais quentes e que ilustrassem melhor a intenção da imagem.

No que diz respeito à componente discursiva da mensagem e que dividimos entre texto e imagem verificam-se também algumas ideias que demonstram um critério assente em alvos diretos. Como mensagem visual é recorrente a colocação dos jogadores e treinador com expressões faciais que transmitem medo, terror e sentimentos de ameaça perante os seus atacantes. A utilização de edifícios, neste caso estádios onde serão disputados os vários jogos da competição são outra das intenções que revelam a ideia de uma ameaça real e que em certa medida parece estar bem sinalizada. A utilização do estádio do Zenit São Petersburgo, do Spartak Moscovo e o estádio nacional russo revelam a identificação de potenciais alvos a atingir.

Quanto à componente textual, esta é utilizada como função de reforço e complemento que visa reforçar a intenção transmitida pelo conteúdo visual. As duas atuam em sintonia, tornando a totalidade do conteúdo mais expressivo e também mais fácil de interpretar. A generalidade das mensagens incluídas visa expressar o ódio e o rancor e aversão que os jihadistas sentem por países como a França - um dos mais fustigados por ataques terroristas - e a Rússia pelo seu envolvimento na guerra da Síria como apoiante do presidente Bashar al-Assad. Com mensagens curtas, mas diretas, os cartazes expressam as intenções dos terroristas em intimidar os países participantes e o anfitrião da prova.

Apesar de as imagens serem todas elas fictícias, ou seja, foram resultado de todo um trabalho de montagem e edição, ainda assim revelam um certo grau de

profissionalismo o que de resto se caracteriza como imagem de marca do Daesh nos seus conteúdos multimédia.

Concluindo, o efeito de medo e de intimidação é conseguido dado o grau de mediaticidade e de atenção mundial que um evento como o Campeonato do Mundo de Futebol atrai. A sua componente multicultural aliada ao grau mediático do evento funcionam como um alvo apetecível às intenções desta organização terrorista que concentra agora os seus esforços nas ações além fronteiras dos seus vários membros regressados a casa.

A nossa investigação centrou-se numa perspectiva descritiva e os dados observados não permitem precisar e qualificar o grau de veracidade de um potencial ataque à competição. Recorde-se que o Daesh já em eventos semelhantes ocorridos em 2016 – Europeu de Futebol – e 2017 – Europeu Feminino – tinha feito ameaças, tendo, no entanto, as duas competições decorrido sem incidentes verificados.

Ainda assim, o efeito de ameaça e de intimidação é evidente e desperta ainda o efeito de pânico moral, mobilizando as atenções dos diversos organismos envolvidos na organização desta importante competição desportiva.

Relativamente a contributos ou possíveis rumos a seguir em futuras investigações, relacionadas com a temática aqui abordada, parece-nos importante destacar algumas ideias. Este trabalho foi de cariz descritivo e, dessa forma, centrou-se numa perspectiva de observação e leitura dos dados resultantes das imagens analisadas, sendo estas recolhidas dos websites dos meios de comunicação referidos anteriormente. Este género de conteúdos para ser observado a partir da sua fonte original, ou de raiz, apenas se torna possível com recurso à deep web²⁰ ou dark web²¹, algo que no nosso entender não realizámos pelas restrições legais a que estes espaços estão sujeitos, e também pela dimensão do estudo aqui realizado. A consulta de imagens e restantes conteúdos nos espaços referidos permitem certamente obter um conjunto de ideias e conclusões mais apuradas do que as aqui formuladas. A realização de novos estudos e relatórios focados directamente nesta temática e em dados que permitam qualificar e quantificar o grau de veracidade e realidade da ameaça verificada, serão também importantes, de forma a travar este tipo de ocorrências.

²⁰ Espaço restrito da internet não acessível a partir dos motores de busca tradicionais como o Google e que é associada à exibição de conteúdos ilegais.

²¹ Conjunto de redes encriptadas que estão intencionalmente escondidas da Internet visível através de sistemas de encriptação.


BIBLIOGRAFIA

- Altheide, David (2006), *Terrorism and the Politics of Fear*, Oxford, Altamira Press.
- Angermuller, Johannes, Dominique Maingueneau e Ruth Wodak (2014), *The Discourse Studies Readers*, Amsterdam Philadelphia, John Benjamins Publishing Company.
- Aumont, Jacques (1990[2002]), *A Imagem*, São Paulo, Papirus Editora.
- Barthes, Roland (1977), *Music, Image, Text*, London, Fontana Press.
- Barthes, Roland (1980[2006]), *A câmara clara: nota sobre a fotografia*, Lisboa, Edições 70.
- Beck, Uros (1992), *Risk Society: Towards a New Modernity*, SAGE Publications.
- Beck, Uros (2002), “The Terrorist Threat – World Risk Society Revisited”, *Theory, Culture & Society* 2002 (Sage), Vol. 19 (4), pp. 39-55.
- Castells, Manuel (2002) *O Poder da Identidade Volume II A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castells, Manuel e Gustavo Cardoso (2005) *A Sociedade em Rede: Do conhecimento à Acção Política*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Charaudeau, Patrick (2008), *Linguagem e discurso: Modos de organização*, Brasil: Editora Contexto.
- Cockburn, Patrick (2014), *O Novo Estado Islâmico*, Lisboa, Self PT.
- Cohen, Stanley (1972[2002]), *Folk Devils and Moral Panics*, London and New York, Routledge.
- Costa, Sandra (2010), “As Correntes de Pensamento no Interior do Islamismo”, *Working Papers: O Pensamento Islâmico Radical e as Redes Terroristas na Europa*, (Online) Disponível em: http://www1.eeg.uminho.pt/riap/cp/ceupinto/ProjectoFCT/WP_UM_Texto%20correntes%20de%20pensamento%202.pdf.
- Critcher, Chas, Jason Hughes, Julian Petley, Amanda Rohloff (2013), *Moral Panics in the Contemporary World*, London, Bloomsbury Academic.
- Duarte, Felipe (2015), *Jihadismo Global Das Palavras Aos Atos*, Lisboa, Marcador.
- Erelle, Anna (2015), *Na Pele de Uma Jihadista*, Lisboa, Objectiva.
- Fairclough, Norman (2001) *Language and Power Second edition*, London and New York, Routledge.
- Fidalgo, António (1998) “Da semiótica e seu objecto” (online), consultado em 28-04-2018. Disponível em: <http://bocc.ufp.pt/pag/fidalgo-antonio-objecto-da-semiotica.pdf>
- Franco, Hugo e Raquel Moleiro (2015) *Os Jihadistas Portugueses*, Lisboa, Lua de Papel.
- Freixo, Manuel (2009), *Metodologia Científica: fundamentos, métodos e técnicas*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Gee, James e Michael Handford (2012) *The Routledge Handbook of Discourse Analysis*, London and New York, Routledge.


- Goode, Erich e Nachman Ben-Yehuda (1994[2009]), *Moral Panics: The Social Construction of Deviance*, Oxford, Wiley-Blackwell.
- Joly, Martine (1994[2007]), *Introdução à Análise da Imagem*, Lisboa, Ed. 70.
- Kerckhove, Derrick (1995[1997]), *A Pele da Cultura*, Lisboa, Relógio D'Água.
- Kress, Gunther e Theo van Leeuwen (1996), *Reading Images: The Grammar of Visual Design*, London and New York, Routledge.
- Lévy, Pierre (2000) *Cibercultura*, Lisboa: Instituto Piaget.
- Mazzoleni, Arcangelo (2005), *O ABC da linguagem cinematográfica*, Edições Cine-Clube de Avanca.
- Nance, Malcolm e Chris Sasmson (2017), *Hacking ISIS: How To Destroy The Cyber Jihad*, New York, Skyhorse.
- Orlandi, Eni (2005), "Michel Pêcheux e a Análise de Discurso", *Estudos da Língua(gem)*, (Online) nº1, p. 9-13. Disponível em:
<http://www.estudosdalinguagem.org/index.php/estudosdalinguagem/article/viewFile/4/3>.
- Pinto, Jaime (2015), *O Islão e o Ocidente A Grande Discórdia*, Lisboa, Dom Quixote.
- Pires, Nuno (2016), *Resposta ao Jihadismo Radical*, Lisboa, Nexo.
- Quivy & Campenhoudt (2005), *Manual de Investigação em Ciências Sociais e Políticas*, Lisboa, Gradiva.
- Rogeiro, Nuno (2015), *O Mistério das Bandeiras Negras*, Lisboa, Verbo.
- Rothe, D. and Muzzatti, S. (2004), "Enemies Everywhere: Terrorism, Moral Panic, and US Civil Society", *Critical Criminology* (12), pp. 327-350.
- Silverstone, Roger (1999[2002]), *Por que estudar a mídia?*, São Paulo, Edições Loyola.
- Stern, Jessica e J. M. Berger (2015), *Estado Islâmico: Estado de Terror*, Lisboa, Vogais.
- Thompson, Kenneth (1998), *Moral Panics*, London and New York, Routledge.
- Tomé, Luís (2015). "«Estado Islâmico» percurso e alcance um ano depois da auto-proclamação do «Califado»". *JANUS.NET e-journal of International Relations*, (Online) Vol. 6, N.º 1, 2015. Disponível em: observare.ual.pt/janus.net/pt_vol6_n1_art8.
- Vilches, Lorenzo (1984[1997]), *La lectura de la imagen: prensa, cine, televisión*, Barcelona, Ed. Paidós.
- Webster, Frank (2004), "Desafios globais e respostas nacionais na era da informação" em José M. Paquete de Oliveira, Gustavo Miguel Cardoso, José Jorge Barreiros (orgs) *Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação*, Lisboa: BonD - Books on Demand.

ANEXOS


ANEXO A: ANÁLISE DA IMAGEM 1

Identificação do sujeito da imagem	<p>Nome: Cristiano Ronaldo dos Santos Aveiro – Cristiano Ronaldo</p> <p>Idade: 33 anos – 05/02/1985</p> <p>Nacionalidade: Portuguesa</p> <p>Clube atual: Real Madrid</p> <p>Posição: Avançado</p> <p>Religião (Pública): Católico</p>
	
Dimensão social da imagem	
<p>Fonte: Site Intelligence Group</p> <p>Legenda: “As nossas palavras são o que vês, não o que ouves. Por isso, esperem. Nós estamos à espera também”</p> <p>Meio de divulgação de onde a foto foi retirada: site do Jornal Record</p>	
Dimensão Técnica da Imagem	
<p>Enquadramento: Verifica-se um plano conjunto, havendo duas figuras na imagem; estas aparecem no centro da imagem sendo o enquadramento largo e vertical, o que permite visualizar todo o espaço que se concentra atrás.</p> <p>Profundidade de campo: Todas as figuras e objetos da imagem apresentam uma boa nitidez. O campo de visão apresenta-se assim com boa profundidade.</p> <p>Estética: Na sua generalidade a imagem apresenta o preto e branco.</p>	
Dimensão Discursiva da Imagem	
<p>Imagem: Ronaldo, de uniforme, surge ajoelhado diante de um elemento do Estado Islâmico que apresenta uma faca. Esta disposição das personagens demonstra uma ideia de derrota e de inferioridade do jogador português diante do terrorista que o está a ameaçar, que por sua vez ao estar de pé demonstra uma posição de poder e liderança. O olho negro de Ronaldo, o logotipo da competição (destruído) e o que parece ser um aglomerado de ossos atrás reforçam a ideia de derrota que o Daesh pretende transmitir.</p> <p>Texto: A mensagem discursiva caracteriza-se por ser direta e reforçar a ideia de que a ameaça deve ser encarada como real. Apesar do grupo terrorista ser visto como derrotado em questões territoriais, o seu regresso é possível e deverá ser esperado, é dessa forma que encaramos a mensagem publicada na imagem.</p>	


ANEXO B: ANÁLISE DA IMAGEM 2

Identificação do sujeito da imagem	
	<p>Nome: Lionel Andrés Messi Cuccittini - Messi</p> <p>Idade: 30 anos – 24/06/1987</p> <p>Nacionalidade: Argentina</p> <p>Clube atual: FC Barcelona</p> <p>Posição: Extremo Direito</p> <p>Internacionalizações: 123</p> <p>Religião (Pública): Católico</p>
Dimensão social da imagem	
<p>Fonte: Site Intelligence Group</p> <p>Legenda: “Estão a lutar com um estado que não tem a palavra falhanço no seu dicionário. Apenas Terrorismo” (Inglês); a mesma mensagem está também incluída em árabe.</p> <p>Meio de divulgação de onde a foto foi retirada: site do jornal Record</p>	
Dimensão Técnica da Imagem	
<p>Enquadramento: Lionel Messi é representado através de um grande plano, ao centro da imagem; o enquadramento caracteriza-se por ser vertical e estreito, dando uma grande proximidade ao sujeito da imagem.</p> <p>Profundidade de campo: verifica-se pouca profundidade de campo, estando a nitidez da imagem centrada na cara do sujeito integrante da imagem.</p> <p>Estética: O registo presente é o preto e branco.</p>	
Dimensão Discursiva da Imagem	
<p>Imagem: Vestido de uniforme de prisioneiro, Messi é colocado em grande plano atrás das grades. A ideia de centralidade da personagem é novamente demonstrada, sendo em torno dela que gira a ação. O sujeito surge a deitar uma lágrima de sangue, o que será encarado como alguém que apresenta aterrorizado e assustado com o desfecho que o espera.</p> <p>Texto: A mensagem é reflexo de uma certa ideia de invencibilidade encarada por parte do grupo terrorista. Através da frase “Just Terrorism” está-se a estabelecer uma analogia com o slogan da marca norte-americana Nike: “Just do it”.</p>	

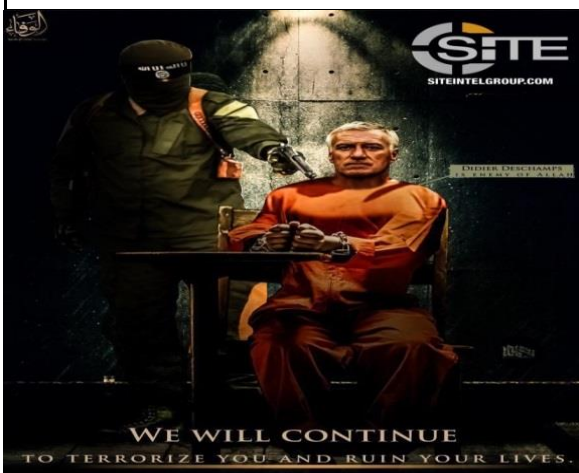
ANEXO C: ANÁLISE DA IMAGEM 3

Identificação do sujeito da imagem	
	<p>Nome: Neymar da Silva Santos Junior – Neymar Jr</p> <p>Idade: 26 anos – 05/02/1992</p> <p>Nacionalidade: Brasileira</p> <p>Clube atual: Paris Saint Germain</p> <p>Posição: Extremo Esquerdo</p> <p>Internacionalizações: 83</p> <p>Religião (Pública): Católico</p>
Dimensão social da imagem	
<p>Fonte: Site Intelligence Group</p> <p>Legenda: “Vocês não terão segurança até que nós a tenhamos nos países muçulmanos”</p> <p>Meio de divulgação de onde a foto foi retirada: Jornal Observador</p>	
Dimensão Técnica da Imagem	
<p>Enquadramento: plano conjunto permitindo às figuras ocupar boa parte do espaço da imagem; o mesmo se pode dizer do enquadramento que sendo vertical é largo e amplo dando boa visibilidade de toda a imagem.</p> <p>Profundidade de campo: O mesmo se aplica à profundidade de campo que revela bastante nitidez em toda a área da imagem.</p> <p>Estética: Cores principais são o laranja, preto e castanho (deserto) e azul (céu)</p>	
Dimensão Discursiva da Imagem	
<p>Imagem: Neymar e Messi surgem vestidos com uniformes de prisioneiros em tom alaranjado, em contraste com o negro utilizado pelo atacante. Uma vez mais é reforçada a ideia de derrota e vulnerabilidade perante o elemento que se encontra de pé com uma faca a ameaçar Neymar. A cara do jogador brasileiro demonstra medo e terror, enquanto Messi surge como tendo sido já executado. É ainda visível a bandeira do Daesh a seu lado.</p> <p>Texto: A mensagem é clara e apesar de apresentar dois jogadores sul americanos é uma declaração de guerra aos países ocidentais que estiveram envolvidos nos combates na Síria e no Iraque.</p>	


ANEXO D: ANÁLISE DA IMAGEM 4

Identificação do sujeito da imagem	
 <p>The image shows Marco Asensio, a football player, kneeling in a desert landscape. He is wearing a dark jacket and a headscarf. In the background, there is a large stadium, likely the Zenit Stadium in Saint Petersburg, and a cityscape. The image is overlaid with text and a logo. The logo in the top left corner is 'SITE' with 'SITEINTELGROU.COM' below it. The text at the bottom of the image reads: 'WOE TO YOU O CRUSADERS AND JEWS. EVERY TIME YOU GET INVIGORATED, BOUNCE BACK AND FLABBERGASTED AND SOUGHT REFUGE IN THEM. ALLAH REIGNED ON YOU DURING THE LEAST EXPECT IT AND WILL BE PUNISHED AS THIS IS WHAT ALLAH HAS PROMISED AND HE DOES NOT BREAK HIS PROMISE'. There is also a small Arabic calligraphic logo in the top right corner.</p>	<p>Nome: Marco Asensio Willemsen - Asensio</p> <p>Idade: 22 anos – 22/01/1996</p> <p>Nacionalidade: Espanhola</p> <p>Clube atual: Real Madrid</p> <p>Posição: Extremo Esquerdo</p> <p>Internacionalizações: 10</p> <p>Religião (Pública): Católico</p>
Dimensão social da imagem	
<p>Fonte: Site Intelligence Group</p> <p>Legenda: “Asensio é Zionis. Amargura para vós cruzados e judeus. Todas as vezes que vocês se sentirem revigorados, recuperados e estupefactos procurem refúgio neles. Allah reinou em vocês no período menos esperado, e serão castigados tal como Allah prometeu e ele não quebra a sua promessa.</p> <p>Meio de divulgação de onde a foto foi retirada: Jornal espanhol A Marca</p>	
Dimensão Técnica da Imagem	
<p>Enquadramento: plano conjunto, onde as duas figuras são colocadas no centro da imagem; o enquadramento apresenta-se vertical sendo amplo e largo, permitindo assim visualizar os sujeitos na sua totalidade, assim como a área que surge por trás destes.</p> <p>Profundidade de campo: muita profundidade de campo, permitindo ver os sujeitos, edifícios e paisagem posterior com relativa nitidez.</p> <p>Estética: Verifica-se a utilização das cores castanho e cinzento, alguns tons de branco e amarelo associado ao sol (sol)</p>	
Dimensão Discursiva da Imagem	
<p>Imagem: Na disposição das personagens aplica-se o mesmo raciocínio das imagens anteriores: autoridade, poder e intimidação do terrorista versus, vulnerabilidade, derrota e medo na cara de Asensio. É ainda visível o estádio do clube russo Zenit de São Petersburgo e um conjunto de edifícios.</p> <p>Texto: esta mensagem é um ataque dirigido à sociedade judaica e aos seus apoiantes na luta contra a Palestina. Asensio é apelidado de “Zionis” na sequência da partilha de uma fotografia sua na cidade de Jerusalém.</p>	


ANEXO E: ANÁLISE DA IMAGEM 5

Identificação do sujeito da imagem	
	<p>Nome: Didier Claude Deschamps</p> <p>Idade: 49 anos – 15/10/1968</p> <p>Nacionalidade: Francesa</p> <p>Clube atual: Seleção Francesa de Futebol (atual treinador do país)</p> <p>Posição: Antigo Médio Defensivo</p> <p>Internacionalizações: 123</p> <p>Religião (Pública): Católico</p>
Dimensão social da imagem	
<p>Fonte: Site Intelligence Group</p> <p>Legenda: “Didier Deschamps é inimigo de Allah. Continuaremos a aterrorizar-vos e a arruinar as vossas vidas”</p> <p>Meio de divulgação de onde a foto foi retirada: Jornal britânico The Sun</p>	
Dimensão Técnica da Imagem	
<p>Enquadramento: Plano conjunto ao centro da imagem; Enquadramento vertical e estreito, centrado nos dois sujeitos presentes.</p> <p>Profundidade de campo: Boa profundidade de campo, apresentando a imagem na sua globalidade boa nitidez, tanto nos sujeitos como na área posterior.</p> <p>Estética: O preto e o laranja são as cores predominantes.</p>	
Dimensão Discursiva da Imagem	
<p>Imagem: Didier Deschamps, no papel de refém, surge de uniforme laranja com uma arma apontada por parte de um membro do ISIS. Algemado apresenta uma expressão de desespero e de medo. A disposição dos sujeitos na imagem repete a tendência das anteriores, sendo colocado sempre numa posição inferior o sujeito alvo das ameaças.</p> <p>Texto: Ao lado do treinador francês surge a frase: “Didier Deschamps é inimigo de Allah”. A escolha do técnico francês como alvo e a referida mensagem poderá estar ligada a uma polémica, onde este foi acusado de racismo em anteriores convocatórias de jogadores. Na outra frase apresentada, entendemos tratar-se de uma ameaça dirigida à sociedade francesa. Refira-se que a França este é um dos países europeus que mais ataques terroristas sofreu nos últimos três anos.</p>	


ANEXO F: ANÁLISE DA IMAGEM 6

Imagem em análise

Dimensão social da imagem
Fonte: Site Intelligence Group
Legenda: “Nós vamos à Rússia lutar no vosso território”
Meio de divulgação de onde a foto foi retirada: Jornal El Pais (Edição brasileira)
Dimensão Técnica da Imagem
Enquadramento: A imagem contém várias figuras humanas e assim consideramos este plano como conjunto, uma vez que o seu ângulo de enquadramento é bastante amplo, largo e horizontal, não sendo dado destaque a uma personagem específica, mas sim aos vários integrantes da mesma.
Profundidade de campo: Média profundidade de campo, sendo que o objeto mais nítido acaba por ser o logotipo do Campeonato do Mundo.
Estética: O vermelho e o laranja são as cores predominantes.
Dimensão Discursiva da Imagem
Imagem: A atenção centra-se na apresentação de um aglomerado de pessoas que são apresentadas numa bancada de um estádio de futebol, sendo esse o sujeito principal. O logotipo da competição é apresentado ao centro e retratado como o rastilho de uma enorme explosão. Veem-se ainda algumas fagulhas o que reforça esta ideia.
Texto: A mensagem surge como um desafio e uma provocação que o Daesh está a dirigir à Rússia, enquanto grande potência mundial. É transmitida uma ideia de vingança e de desforra, depois da guerra travada na Síria e no Iraque.

ANEXO G: ANÁLISE DA IMAGEM 7

Imagem em análise	
	
Dimensão social da imagem	
Fonte: Site Intelligence Group	
Legenda: “Inimigos de Allah na Rússia. Juro que o fogo dos mujahideen’s (combatentes islâmicos) vos irá queimar. Esperem só”	
Meio de divulgação de onde a foto foi retirada: Site do jornal Record	
Dimensão Técnica da Imagem	
Enquadramento: A imagem é composta por um plano inteiro do sujeito que integra a imagem; o restante enquadramento da imagem é vertical e largo permitindo uma ampla visualização de todo o espaço em redor.	
Profundidade de campo: A imagem apresenta uma boa profundidade de campo, sendo perceptível com relativa nitidez o sujeito, assim como o estádio apresentado e toda a restante área.	
Estética: Cores integrantes são o castanho, o vermelho, verde, azul, branco	
Dimensão Discursiva da Imagem	
Imagem: um combatente do Estado Islâmico encara à sua frente o Estádio Luzhniki, estádio nacional da Rússia, em Moscovo, enquanto ao seu lado é visível uma mochila com explosivos. É reforçada a ideia de ataque iminente aos principais símbolos da Rússia, neste caso o estádio que acolherá a final do torneio.	
Texto: após os conflitos no Afeganistão e na Chechénia, a Rússia passou a ser encarada como nação inimiga do Islão e dos muçulmanos. O conflito na Síria reforçou um longo histórico de animosidades, a mensagem aqui colocada pretende reforçar esse sentimento de vingança e de desforra que os terroristas pretendem infligir à Rússia.	

ANEXO H: ANÁLISE DA IMAGEM 8

Imagem em análise	
	
Dimensão social da imagem	
Fonte: Site Intelligence Group	
Legenda: “Rússia, brevemente com a permissão de Allah a vossa pátria será só terror”	
Meio de divulgação de onde a foto foi retirada: Twitter de Rita Katz	
Dimensão Técnica da Imagem	
Enquadramento: Plano que concentra mais que uma personagem, sendo classificado assim como plano conjunto; no que diz respeito ao enquadramento caracteriza-se por ser vertical e estreito dando uma ideia de proximidade.	
Profundidade de campo: Média profundidade de campo permitindo aos sujeitos da imagem e restantes objetos apresentarem um bom grau de nitidez.	
Estética: As cores mais evidentes são o vermelho, preto e o amarelo.	
Dimensão Discursiva da Imagem	
Imagem: A ideia de destruição em larga escala ilustra o conteúdo da imagem apresentada. Em plano de fundo é visível a imagem do estádio do Spartak Moscovo na parte inferior da imagem, já na parte superior surge uma montagem onde alguém é assistido por paramédicos aquando do atentado de Westminster, em Londres, em 2017. Uma vez mais o logotipo da competição surge envolto em chamas o que sugere uma explosão.	
Texto: O conteúdo discursivo, à semelhança de todas as outras imagens, funciona como ilustração do cenário presente na imagem: o de espalhar terror e criar o efeito de destruição	